

EM MINAS
Carlos de Laet



EM MINAS

Carlos de Laet

Prefácio: Antonio Edmilson Martins Rodrigues





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



SUMÁRIO

Apresentação	xi
Prefácio – Antonio Edmilson Martins Rodrigues	xiii
Ao leitor	3
Dedicatória	5
SÃO JOÃO DEL REI	7
I	9
II	14
III	22
IV	28
V	35
VI	42
VII	51
VIII	60
SÃO JOSÉ DEL REI	69
I	71



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

Uma viagem no tempo ou diário de bordo de um exílio em Minas

Quem toma o pequeno volume do livro *Em Minas* de Carlos de Laet pode fazer duas perguntas. A primeira refere-se ao porquê de Darcy Ribeiro ter selecionado este livro para fazer parte da Biblioteca Básica de Brasil, e a segunda, quem foi Carlos de Laet e qual sua importância no cenário intelectual brasileiro. São essas duas perguntas combinadas que servirão de guia para essa aproximação.

Deixando de lado o que comumente nos afasta daqueles que não conhecemos, que seria o perfil conservador e católico de Carlos de Laet, sobressai nele a erudição de um homem dedicado aos estudos e voltado para a educação. Sua trajetória mistura o jornalismo e o ensino, mesmo que tenha também obtido o título de engenheiro-geógrafo na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Nascido em 1847, viveu toda a euforia do reinado de D. Pedro II e se transformou num defensor ferrenho do imperador.

Atuou como deputado no Império e como professor no Colégio Pedro II, do qual foi primeiro demitido por ter lutado para que, com a República, o nome permanecesse o mesmo e não fosse denominado Ginásio Nacional. Perdeu a luta, mas a sua demissão foi transformada em aposentadoria. Mais tarde, durante a presidência de Wenceslau Brás, voltou ao seu cargo de professor no Colégio Pedro II, sendo inclusive seu diretor.

Como intelectual carioca reconhecido, foi incorporado ao grupo que fundou a Academia Brasileira de Letras, sendo seu presidente entre 1919 e 1922. Espírito combativo, enfrentou várias polêmicas. Na chamada Polêmica Célebre, enfrentou Camilo Castelo Branco num debate sobre a língua portuguesa cuja temática envolveu a questão de a língua falada no Brasil ser um dialeto do português.

Esse seu traço duro perde-se um pouco quando olhamos para os critérios que adotava nas suas críticas e o respeito que tinha pelas diferenças. Sua palavra era radical, mas possuía uma poesia que fazia com que suas falas se fizessem ouvir de maneira mais palatável, especialmente pela qualidade de seus argumentos. Quando João do Rio faleceu, em 1921, escreveu um texto de homenagem que revelava esse espírito de abertura para palavras inteligentes.

O livro desse homem polêmico selecionado por Darcy Ribeiro para fazer parte da BBB chama atenção. Por que Darcy teria escolhido exatamente esse. Olhando a bibliografia de Carlos de Laet, percebe-se que se dedicou muito mais à crônica diária do que à produção livresca. À exceção de um livro sobre a descoberta do Brasil, escrito em 1900, são antologia e obras de reunião de seus textos de imprensa. Mas, procuremos mais razões, e a única possibilidade é mergulhar no livro e tentar obter resposta para essa pergunta.

O livro *Em Minas* é escrito em 1894 e decorreu da situação de autoexílio de seu autor. A Revolta da Armada havia sido desencadeada em 1893, e os intelectuais que viviam no Rio de Janeiro se dividiram quanto ao apoio que deveriam dar a ela. Quando o estado de sítio foi decretado, Floriano Peixoto não imaginou ser necessário que essa decisão incluísse Minas Gerais e transformou o mundo das alterosas no destino daqueles que se colocaram contra a ação do presidente. Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Magalhães de Azeredo entre outros acompanharam Carlos de



Laet nessa retirada para Minas: “Evitando o regime de terror e as delações que no Rio de Janeiro sucederam à explosão da revolta naval de setembro, procuramos abrigo no hospitaleiro território de Minas” (p. VII).

O livro está dividido em duas grandes partes. A primeira dedicada a São João Del Rei, local, onde o autor permaneceu, e São José Del Rei, hoje Tiradentes. Como é um diário de bordo, essas duas partes são pontilhadas por duas entradas importantes que se cruzam todo tempo na narrativa. Uma a da descrição da viagem e da interpretação geográfica e sociológica que faz da natureza e do homem. Outra, que se dedica com as mesmas ferramentas a trata das duas cidades e da história de Minas Gerais, dando atenção ao processo de evolução urbana, à decadência depois do fim da mineração, aos processos de recuperação e ao caráter do homem das Minas. E como isso é realizado?

Pelo que já foi descrito, pode-se desconfiar que a escolha de Darcy se deveu à sociologia das Minas, às assinalações das diferenças e à possibilidade que o livro apresenta de olhar para o interior do Brasil, lugar da mineração, das diferenças que levam o autor a criticar a opção pela mineração em detrimento do uso da terra para a agricultura e a mostrar o que isso teve como consequência para a decadência, seja pela dificuldade de obtenção de produtos agrícolas, muito caros, seja pela brutalidade que a atividade impôs aos homens.

Esse tratamento que mistura sociologia, história e literatura cativou Darcy pelo resultado. Num livro de oitenta páginas há uma riqueza de informações e avaliações que deslumbram os leitores. Mas isso só não teria despertado o fundador da BBB. Há também combinada isso uma atenção para o que é próprio das Minas, o que lhe é singular, que só pode vir de quem possui a sensibilidade para as comparações e o desejo de publicizar análises



que nos ajudam a compreender o Brasil em sua relação com as Minas, assim como o Rio de Janeiro.

Mas essa aula de Minas que é trazida pelo livro vai além. Essa ambiência sociológica ganha relevância quando se volta para a avaliação das cidades, quando se dedica à compreensão do que também é singular nelas e as diferencia. São João e São José, ambos do Rei, são apresentadas em todas as suas facetas, desde o cotidiano dos homens até a monumentalidade das igrejas e demais construções barrocas que afloram no espaço urbano e que prendem o olhar de Carlos de Laet.

Mas, as duas cidades são apenas pretextos para um olhar mais amplo que termina por fazer com que os leitores entendam o alcance das Minas de São João até a beira do Rio São Francisco, e isso é feito, desde o início, através do que pode ser a expressão maior do progresso: as estradas de ferro.

Carlos de Laet sai do Rio de Janeiro num trem em direção a São João Del Rei e esse veículo torna-se central no processo de rasgar o Brasil, ligando a Estrada de Ferro Central do Brasil à Estrada de Ferro Oeste de Minas. A linha férrea é o cordão que garante o sentido às análises, no fundo é o que permite ao autor empreender esse esforço de interpretação que passa pela natureza, pela sociedade e pela arquitetura urbana.

Por conta disso, várias outras cidades são pulsadas como fazendo parte dessa história das Minas. Elas aparecem ao longo da viagem que também é longa. Todo o cenário do Rio de Janeiro do interior aparece pontuado por uma característica que de pronto distingue a paisagem. O Rio Paraíba do Sul é tomado como referência para a imagem de todo o vale como o rio da escravidão, utilizando uma expressão dos abolicionistas, mas não sem fazer o elogio do progresso da região pelo influxo do trabalho livre.

Entre Rios, hoje Três Rios, e Juiz de Fora, assinalada como opulenta, saída para associar à sua riqueza o empreendedorismo de



Mariano Procópio pela construção da Estrada União Indústria, também hoje nome de cidade da região. É em Sítio, hoje Presidente Antônio Carlos, que o autor inicia sua viagem na Oeste de Minas. Mais de 24 horas depois, Laet passa por São José Del Rei para chegar a São João Del Rei. São, então, nove capítulos dedicados à cidade nos quais o autor mobiliza um conjunto alentado de informações de caráter geográfico e história que permite que o leitor possa compreender a importância da cidade na economia da mineração, assinalando a centralidade da cidade como ponto de desbravamento do caminho que leva a Goiás, passando por enfrentamento como a Guerra dos Emboabas.

Desses oito capítulos, há um, o terceiro, que é dedicado unicamente à Estrada de Ferro Oeste de Minas com o intuito de assinalar sua ação no progresso da região e sua grandeza como estrada integradora, já que une quatro estados. Natureza, cotidiano, arquitetura religiosa se combinam na descrição da monumentalidade da cidade, sem que fiquem de lado os elementos indicadores da atualidade da cidade, como a sede do jornal *Gazeta de Minas* e as gráficas, assim como as fábricas de tecidos.

A descrição das jabuticabeiras se mistura com as estórias sobre o Rio das Mortes. As memórias dos homens famosos se associam às das onze igrejas da cidade e ao sangue de Tiradentes deixado na terra da São João Del Rei. A geografia da cidade serve de mote para um passeio em que paisagem e memória se juntam e dão margem ao delírio do poeta encantado com as Águas Santas e suas fontes termas. A sinuosidade do traço montanhoso espanta e embevece, deixando o autor de boca aberta.

O último capítulo descortina o homem de São João Del Rei religioso e tenente ao clero, motivo pelo qual as festas católicas são o apanágio dessa devoção que se manifesta num respeito sincero pelas coisas da Igreja, principalmente na Semana Santa, designado pelo autor de Semana Maior. Carlos de Laet exalta o



espírito católico anotando os inúmeros momentos em que essa festa se mostra como na Adoração do Sacramento Eucarístico ou nas festas do mês de Maria.

A pompa dos enterros também chama a atenção do autor, fazendo-o imaginá-los como lúgubres e imponente. Mas, a conclusão é indicadora das posições de Carlos de Laet: a religiosidade da cidade liga-se indissolivelmente à da pátria, tornando São João Del Rei mais piedosa.

Essa piedade se manifesta na ordem que reina na cidade mesmo em ocasião em que a multidão enche a praça, quando também é possível perceber a ausência de polícia. O outro traço revelado por Carlos de Laet é a afabilidade que contém a hospitalidade que coloca todos os forasteiros em condições de igualdade pelas formas de recepção. Dessas características psicológicas deriva a boa-fé nos negócios, transformando as trocas numa operação fácil.

Mas, como todos temos defeitos, também os moradores de São João Del Rei apresentam um, e este é o do exagero no descanso. A percepção desse defeito se origina na vivência do autor na cidade grande que reclama, de bom humor, das lojas fechadas até às 7 da manhã numa cidade em que todos dormem às 10 horas. Mas, além do defeito há também por parte de Laet uma censura. Como bom católico, não fica bem numa cidade piedosa o jogo de roleta, mas comparada com o Rio de Janeiro isso é um nada, e, em função disso, há uma desculpa.

A alegria da cidade, o lugar onde se verificam as sociabilidades é a estação do trem, onde às 7 horas chega o trem vindo da capital trazendo as notícias, as cartas e os jornais. A vida na cidade é caseira porque o homem de São João gosta de viver para a família. Assim, a cidade é soturna na noite.

São João Del Rei é quase um paraíso, pois a sua salubridade é uma das maiores de Minas, e os recursos naturais que apresenta

estão disponíveis para construções e outros usos. Como estava em debate a mudança da capital de Minas Gerais, a última observação da cidade feita por Carlos de Laet é interessante, pois faz de São João Del Rei um subúrbio da futura capital. Interessante mostrar que não há no livro nenhuma referência ao debate sobre a mudança da capital, mesmo que saibamos que São João Del Rei foi proposta para sediar o governo de Minas como capital.

Ao final, a verve do poeta ressurgue para o grande final:

Salve, pois, hospitaleira soberana! Quando de ti nos afastarem os vendavais da sorte, saudosos contemplaremos as tuas colinas, os teus campanários, e, perdidos que para nós sejam, e talvez para sempre, contigo ficará uma parte do nosso coração, submisso pela gratidão e retido pela saudade. (p. 53)

Carlos de Laet conclui o livro com a narração da sua visita a São José Del Rei que possui apenas um capítulo que não é nem mesmo numerado como tal, parece mais um anexo, porque resulta de uma visita feita no período de espera do trem que o levará a Sítio, onde embarcará para o Rio de Janeiro. As informações históricas são diminutas. Há uma referência ao monumento a Tiradentes e uma avaliação superficial das igrejas, sem nenhuma atenção maior à cidade, a não ser pela menção à qualidade de sua produção intelectual.

O elogio ao clima e a visão de decadência são os pontos fortes de um texto pequeno. Mas é a decadência que chama a atenção porque levou à destruição de casas para aproveitar o material para as construções em São João Del Rei. Diferentemente da forma entusiástica com que o poeta terminou sua avaliação de São João Del Rei, o término para Tiradentes é nostálgico:

São José, cidade adormecida em um desses letargos que para os povos duram às vezes largos anos, ainda poderá erguer-se e reclamar no convívio da atividade mineira o lugar de honra que lhe compete pela sua ancianidade e pretérita grandeza. Tais, pelo menos, os desejos e votos do último dos viajantes que a contemplou respeitoso!

Esse é o fim de uma história de progresso e decadência que transformou corações e corpos, mas que é o Brasil profundo do final do século XIX fora da capital. Por essa sensibilidade para dar conta do interior talvez Darcy tenha se apaixonado e imaginado que poderia fazer bem sua leitura a um jovem que pensasse em conhecer o Brasil.

ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES É PROFESSOR DA PUC-RIO – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA E DA UERJ – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. LIVRE DOCENTE EM HISTÓRIA DO BRASIL PELA UERJ.

EM MINAS
Carlos de Laet



Evitando o regime de terror e as delações que no Rio de Janeiro sucederam à explosão da revolta naval de setembro, procuramos abrigo no hospitaleiro território de Minas.

Em São João del Rei se nos deparou não a tranquilidade de espírito, porque em toda parte no-lo atribularia, além de particulares tristezas, o lúgubre espetáculo da Pátria convulsada, mas pelo menos a certeza de que em torno do lar doméstico não corvejavam odiosas suspeitas, nem tínhamos a liberdade pendente da malquerença de incógnito perseguidor.

Aí vivemos alguns meses, retirado e esquecido; e, por disfarçar longuras de tempo, escrevemos artigos que acharam lugar no *Jornal do Commercio*, de que outrora fomos obscurantíssimo colaborador. São os que neste volume se oferecem à leitura.

O título, pois, desta obra – *Em Minas* – não é insignificante, como talvez pareça a quem nela apenas veja a indicação do local onde foi escrita. Não: o que desejamos é dar público testemunho de consideração à nobilíssima terra onde por último se acolheria a liberdade, quando mais guarida não achasse em nosso querido Brasil.

Vedada a política aos que, como nós, não vitoriam as ideias dominantes, claro está que extremo dela se acha quanto publicamos. A filosofia e as letras, que, no dizer do imortal defensor de Arquias, tanto ornamentam a prosperidade quanto servem de asilo e de consolo em quadra calamitosa – *secundas res ornant*,

adversis perfugium ac solatium proebent –, a literatura e a filosofia forneceram assunto ao que se vai ler.

Primeira dessas lucubrações, figura a monografia de São João del Rei; e assim pagamos tributo de gratidão à tranquila e bondosa cidade. Rápido esboço da vizinha São José completa o estudo de um belíssimo fragmento da região mineira. Tal o ponto de saída; e daí nos partimos ora a pesquisar o futuro literário deste fim de século, ora a dissertar sobre um poeta, ora a seguir em suas pasmosas conquistas o espírito consolador do Evangelho, ora a conjecturar no firmamento histórico a órbita providencial da humanidade.

Conosco apenas tínhamos poucos volumes, e de grande subsídio nos foi a escolhida biblioteca do senhor professor Aureliano Pimentel, cujo nome se há de ver em mais de uma página deste livro – nome já vantajosamente conhecido, porém muito mais o seria em país onde a modéstia não fosse impedimento para a notoriedade.

Reproduzidos da imprensa diária, não se acham estes artigos alterados, salvo retoques e adições necessárias. Possam alguns encômios, que então mereceram, repetir-se para de novo sufragá-los, animando-nos à publicação do que guardamos inédito.

Carlos de Laet

Há no cemitério de São Francisco Xavier um jazigo humilde, sem afeites de fúnebre pompa, onde reunidos se acham os despojos mortais de dois entes a quem devo o que sou: Joaquim F.P. de Laet e Emília C.F. de Laet. Deles recebi a crença católica e o amor da pátria, e com eles aprendi, pela doutrina e pelo exemplo, a preferir o sofrimento aos gozos materiais e às efêmeras gloriolas tão fáceis de captar pelo sacrifício das convicções.

Meu Pai foi um forte e minha Mãe, uma santa... Honrados e obscuros batalhadores da vida, mas por isso mesmo dobradamente dignos de veneração, porque não tiveram para lhes cingir a fronte, neste mundo, a cobiçada auréola das virtudes que se ostentam à luz meridiana! Entes caros e inolvidáveis, a vós se liga e por vós se explica todo o meu passado.

Junto de mim, nas horas de rápidos triunfos e extensas provações, tenho sempre visto dois semblantes – o de minha irmã, amiga da infância, e o de minha mulher, companheira inseparável, tímida que se fez valorosa para encorajar-me. Irmã e esposa diletas, vós representais a fase atual de minha existência.

E mais duas cabeças adoradas – a do filhinho, que sob os olhos de Deus se vai fazendo homem, e a da filha, em quem já começam de espelhar-se as virtudes maternas... Sois todo o meu

futuro, ó filhos, e em vós se consubstanciam as minhas únicas esperanças!

Pais, que, fechados no túmulo, me simbolizais a mocidade esvaecida; mulher e irmã, que comigo vos feris desbravando as urzes da adversidade; filhos, sobre quem peço que revertam todas as venturas a que eu tenha direito, aceitai a homenagem deste livro, escrito em horas de tristeza, quando a Pátria – mãe de todos nós – dolorosamente se estorcia na guerra civil!

Carlos de Laet

SÃO JOÃO DEL REI



Triste coisa é a surdez: e quem para evitá-la, fugindo ao estampido dos canhões, porventura se achar próximo da estação da Estrada de Ferro Central tem excelente meio de ficar tão longe quanto não mais o incomode o estrondar da artilharia.

Nada mais fácil: chegue-se ao bilheteiro e, mediante trinta e poucos mil-réis, muna-se de passagem para São João Del Rei.

Às 5 da manhã, quando alegre soía acordar o Rio de Janeiro, e quando agora desperta estremunhado de longo pesadelo, que desgraçadamente se prolonga nas horas de vigília, solta seu brado de despedida o trem expresso de Minas, e eis que conosco se precipita o leitor, arrastados ambos pelo fogoso cavalo dinâmico (chapa número mil e tantos).

Rápidas como visões, nos fogem de um e outro lado as casinhas e chácaras que quase ininterruptas se estendem da parte central da cidade às divisas do Distrito Federal, onde a última estação é a de Sapopemba, ponto de ligação com o ramal de Santa Cruz.

Depois vêm os brejos de Belém; mais alguns minutos e entramos na Serra do Mar, em cujas encostas se contorce qual serpente a linha férrea, que, finalmente, desesperando de subjugar a montanha e dominar-lhe a cerviz, vara-a de lado a lado no grande túnel, muito menor, sem dúvida, que os congêneres alpinos, porém que, no país e sobretudo na época em que foi feito, sobremodo exalça os créditos da engenharia brasileira.

Um pouquinho ainda de paciência – e estamos no vale do Paraíba, margeando as ribanceiras e contemplando as águas barrentas do rio fluminense por excelência, o rio da escravidão, como o denominavam outrora os abolicionistas, e hoje fadado a melhores destinos sob o influxo do trabalho livre, que dignifica e moraliza o homem. Assim o soubesse compreender a maioria dos nossos compatriotas em boa hora libertos!

Almoça-se na estação Entre Rios. *Almoça-se* é um modo de dizer a que não corresponde a realidade. Segundo o horário, deve o trem demorar-se neste ponto vinte minutos, das 9h30 às 9h50. Mas isto é a lei escrita, de que não raro se divorcia a prática. O atraso do trem encurta o prazo. Em menos de quinze minutos é preciso descer, tomar assento, apanhar no voo os pratos que circulam, mastigar e ingerir quaisquer iguarias. Todos correm, atiram-se e muitos voltam sem ter achado onde se abancassem. Soa o apito, retomam-se lugares... Os mais felizes são os que se deixaram ficar nos carros, deglutindo as virtualhas de que providamente se abasteceram.

Começa o território mineiro... Parece que no ambiente da próspera Minas se respira uma tranquilidade que infelizmente não oxigena o de seus vizinhos. Pouco depois do meio-dia chega-se à opulenta Juiz de Fora. Elegantes carrinhos aguardam junto da estação os passageiros. Passeiam pela plataforma senhoras enluvasadas, às quais cuidadosamente ocultamos o desalinho do nosso traje, encapado em guarda-pó. Tem seus *quês* de Petrópolis a interessante cidade mineira.

Lembram-nos então o tempo de Mariano Procópio, o homem de enérgica vontade a cujos esforços principalmente se deveu a construção da famosa estrada de rodagem União Indústria. Naquela quadra tomávamos em Petrópolis uma diligência que, salvo as indispensáveis e curtíssimas demoras para mudar de animais, corria sem parar 25 léguas, que tantas vão daquele ponto



ao do Paraibuna, que hoje recebeu o nome do benemérito finado. Doze horas se gastavam nesse trajeto, mas sem o menor solavanco, e sempre a galope sobre um macadame que talvez em todo o Brasil só tivesse rival na estrada nova da Tijuca, quando ainda não a deteriorara o caminho de ferro elétrico, começado há três anos e que lá está, inativo e desaproveitado, a dar testemunho do nosso progresso em matéria de viação.

No Paraibuna existia um hotel, de primeira ordem, melhor do que todos os do Rio. Hoje deram outro destino ao edifício, que facilmente reconhecemos. Ali paramos dias, há bons vinte anos, com alegre turma de estudantes de engenharia... Como passa o tempo! Alguns desses joviais companheiros já tomaram o caminho da região de onde não mais se volta... Outros, pior talvez, estão diretores de companhias... Não poucos, igualmente dignos de lástima, enterraram-se vivos na política, federal, *estadual* ou *bairral*... Em compensação também os há agricultores. Um deles abraçou-nos, dando-nos as boas-vindas. Deus lhe conserve o gosto da sua nobre profissão! Quando tudo parar e já não houver com que se façam estradas e pontes, sempre restará onde se plante e colha o fruto.

No Sítio entronca-se a via férrea do Oeste de Minas. Efetuada a baldeação, aguarda-se a chegada de não sabemos que trem. Antes aí se fizesse o almoço: haveria mais tempo. Verdade é que já seria o jantar, pois são mais de 3 horas... Mas que teria isso? Pois não há no Rio matinês que começam às 2 da tarde? Para matar o tempo palmilha-se o asfalto da estação e tiram-se fumaças de cigarros. De repente um medonho trocadilho: – É singular! Depois que chegamos ao Sítio, não nos achamos no estado do dito! Um sibilo da locomotiva impede a perpetração de outro crime.

A zona atravessada pela estrada do Oeste, do Sítio a São João Del Rei, nada tem de interessante. O carro, sobre a linha de bitola



estreita (76 centímetros), joga consideravelmente. Enjoam algumas senhoras, e, com certo esforço de imaginação, poderíamos supor-nos em dias de ressaca nas barcas *ferry* de Niterói... quando havia barcas e Niterói não competia com Troia.

São 6h30, pouco mais ou menos, ao passarmos por São José Del Rei, hoje denominada Tiradentes, em honra ao célebre mártir da Inconfidência, que teve o berço nas cercanias da cidade. Curiosos, todos procuramos ver o antigo e famigerado centro de mineração, cabeça que foi da comarca. Baldada tentativa! A estação não é propriamente em São José, demorando a um bom quilômetro de distância do centro da população; e desde logo formamos a tenção de uma visita especial à êmula, hoje destronada, da vizinha São João.

Nesta, às 7 horas, faz o nosso trem a sua entrada triunfal. Ergue-se medonho alarido ao desembarque. A julgarmos pelo que grita a meninada, disputando mulas e preconizando hotéis, dir-se-ia que São João é a mais trêfega e ruidosa das cidades. Errada opinião que não tardará a dissipar-se. O mineiro, sisudo e grave em tudo, só abre exceção com aquele vozear para receber a *gente de fora*.

Elementaríssimo cuidado, que à própria custa se aprende viajando, nos induz a acompanhar com os olhos os portadores do que é nosso: *omnia nostra secum portant...* Mas afáveis nos tranquilizam amigos que de nós se acercam. Em São João não há ladrões! Cobre-te de pejo, ó estação do Campo de Santana, e rala-te com os remorsos do teu *conto do vigário* e do teu *jogo da tracinha!*

Sob a impressão altamente favorável deste informe, dirigimo-nos sossegados ao Hotel do Oeste, que nos disseram ser o melhor da localidade.

A trovoada que anegrava o horizonte, havia algumas horas, sumira-se tangida pelo vento ou distanciada pela carreira da locomotiva. No céu, pintado aliás de belas nuvens, brilhava a lua.

Uma frescura deliciosa convidaria a passeio quem não viesse estrompado por viagem de catorze horas. Que serenidade no céu e que sossego entre os homens!

Longe, bem longe de nós se amortecera o fragor do canhoneio. Até aqui não chegara a febre da luta civil. Se o Rio é a cabeça que arde em cruel pirexia, Minas é o coração não combalido.

Nobre coração, e que para todos tem um recanto hospitaleiro!

São João Del Rei é uma cidade que já floresceu em época não mui remota – quando a exploração do ouro chamava para os territórios de Minas os aventureiros paulistanos. Depois decaiu desse esplendor, uma vez abandonados os trabalhos de mineração nas colinas circunvizinhas. Mais tarde, finalmente, São João reergue-se, anima-se com a estrada de ferro do Oeste e adquire vida nova com os elementos de progresso que contém, quiçá mais futuros do que o fulvo metal que lhe enriquece as cordilheiras.

Este resumo da história são-joanense explica as contradições de sua edificação. Aí notais templos que, como o de São Francisco, em primor arquitetônico lutam com os melhores do Rio. Bem notória é a piedade dos nossos maiores, porém certo que assim não edificariam em centro menos populoso. O período decadente está representado nas vielas com habitações paupérrimas, deixadas no primitivo estado, e algumas construções mais modernas e de péssimo efeito. E da quadra do moderno renascimento dão testemunho elegantes casas, sólidas e vistosas, nas quais logo se reconhece o bom gosto consorciado às larguezas da fortuna.

Outra não é a lição da história senão esta que em rápida olhada poderia apanhar qualquer observador medianamente perspicaz. São João é um astro que tem tido intermitência de fulgor; e ainda

bem que vamos contemplá-lo quando mais se apresta a rebrilhar no firmamento mineiro!

Duas pequenas mas interessantes monografias existem sobre esta cidade: uma, escrita por José Antônio Rodrigues, em 1859; outra, em 1881, pelo erudito professor Aureliano Pereira Correa Pimentel, exímio latinista e cultor da língua pátria, ex-reitor de uma das casas do Colégio Pedro II e, durante alguns anos, ornamento do seu magistério.

Encostando-nos a fontes tão autorizadas, recordaremos que foi Thomé Portes d'El-Rei o descobridor das minas auríferas que primeiro encaminharam para as terras de São João a *fames auri* dos bandeirantes. De 1684, segundo opinião aceitável, data o começo do povoado.

Sanguinosas contendidas entre indígenas e aventureiros paulistas deram origem, conforme pensa Pizarro, ao nome de Rio das Mortes, perto de cuja margem esquerda se acha a cidade de que tratamos. Entendem outros que assim foi o rio denominado por ter sido o teatro da luta que em 1708 se travou entre os primitivos descobridores paulistanos e muitos recém-chegados de Taubaté, com os quais se tinham reunido europeus ou *emboabas*. Os primeiros combates, em que toda a vantagem coube aos primeiros ocupantes, deram-se em um mato chamado o *Capão da Traição*, local onde ora se acha o arrabalde de Matosinhos.

Não é nosso intuito sabatinar a história do Brasil, e destarte só muito por alto lembraremos as ferocidades perpetradas contra os *forasteiros* (o nativismo azedo é velho como a maldade dos homens!) e igualmente a tremenda desforra tirada pelos *emboabas*, sob a direção de Manuel Nunes Viana, cujo audaz predomínio foi até o ponto de suplantar a autoridade do Governador Dom Fernando Martins, apenas se obtendo a pacificação mediante indulto dos insurgentes em uma transação de onde não pouco “arranhada” saiu a dignidade governamental.

Abundantíssimo era o ouro nas minas do Rio das Mortes; e facilmente se imagina com que alacridade se povoaram as privilegiadas paragens. Releiamos a tal respeito um livrinho não mui conhecido, de Simão Ferreira Machado, *Opúsculo eucarístico*, que se imprimiu em Lisboa no ano de 1734:

“A exuberante cópia de ouro destas minas”, diz o autor referindo-se, em geral, às das serranias mineiras, “deu logo um estrondoso brado cujos ecos soaram nos mais distantes e recônditos seios de toda a América; alteraram a muitos moradores do Brasil a cultura dos campos; fizeram outros vacilantes; a muitos, nos cabedais inferiores, e outros oprimidos da necessidade fizeram subir a este zênite da riqueza; convidando a uns com esperança de melhoras, a outros com princípio de prosperidade: e porque os primeiros habitantes do caminho do trabalho passaram logo à felicidade da fortuna, quase ao mesmo tempo, ou com pouco intervalo, vendo e habitando a terra e possuindo a influência do ouro, em breve tempo das cidades e lugares marítimos sobreveio inumerável multidão; uns com cobiça de fácil fortuna, outros anelando remédio à necessidade.”

As consequências muito não se fizeram esperar. O abandono da agricultura encareceu extraordinariamente o preço dos gêneros, de sorte que se chegou a pagar por 1 alqueire de milho não menos de 68 oitavas de ouro, e por um boi ou sendeiro, até 100 oitavas!

O nome do Arraial do Rio das Mortes perdurou até 1712, época em que o povoado assumiu, com o foro de vila, o título de São João Del Rei, em homenagem a Dom João V. Em 8 de dezembro do ano seguinte Dom Brás Baltazar da Silveira, governador e capitão-general de São Paulo (capitania a que pertencia a localidade, pois só em 1720 é que Minas se constituiu capitania independente), empossou o primeiro governador, Dr. Gonçalo de Freitas Baracho.

Já um ano antes se afirmara o patriotismo do povoado e de suas cercanias, quando solícitos acorreram seus habitantes para alistar-se debaixo das bandeiras de Antônio Albuquerque, governador de Minas, que, em 1711, deliberou acudir à cidade do Rio, cruelmente bombardeada e tomada de assalto pelos franceses de Duguay-Trouin. Sabe-se que tardio chegou esse socorro, pois desgraçadamente se firmara o vergonhoso tratado que ao estrangeiro invasor concedia extraordinárias vantagens; mas não menos exato é que os denodados mineiros bem mereceram da pátria, demonstrando quanto já então se extremava o sentimento de solidariedade nacional nas grandes crises políticas. Registrado se acha esse fato na comunicação da câmara do Rio de Janeiro ao governo de Lisboa, documento que o Sr. Aureliano Pimentel encontrou na “Memória” de Dom José de Azeredo Coutinho, apresentada à Academia Real das Ciências.

A extensão territorial sobre que se estendia a jurisdição do ouvidor de São João, erigida em cabeça de comarca, excedia em superfície todo o reino de Portugal. Em São João havia dois regimentos de cavalaria e 28 companhias de ordenanças. O último capitão-mor, conforme lemos nos “Apontamentos sobre o Município de São João Del Rei”, foi o pai de seu ilustrado autor: chamava-se João Pereira Pimentel, gozou de influência, de folgada fortuna, e pobre, mas rodeado da estima pública, faleceu em 1832.

Data de 6 de março de 1838 a elevação de São João à categoria de cidade (lei provincial nº 93).

Em 1842, na célebre revolta liberal, São João desempenhou papel não secundário. Nos documentos da época¹ repetidas vezes

1 *História da Revolução de Minas Gerais em 1842*, exposta em um quadro cronológico organizado de peças oficiais das autoridades legítimas, dos atos revolucionários da liga facciosa, de artigos publicados nas folhas periódicas, tanto da



ocorre o nome de São João Del Rei, que com as vilas de Lavras, São José e Oliveira, da comarca do Rio das Mortes, reconheceu o governo rebelde e o sustentou alguns dias. Quarenta e cinco durou o regime de insurreição em São João Del Rei, isto é, de 17 de junho a 1º de agosto.

Examinando esses vestígios das paixões políticas de nossos maiores, encontramos logo na data de 17 de junho a proclamação de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, colocado à testa do movimento insurrecional pela revolta de Barbacena em 10 desse mês.

“O meu coração”, diz José Feliciano endereçando-se aos são-joanenses, “exultou de júbilo quando se me anunciou que vós haveis sacudido esse jugo, e feito ouvir com estrondo a voz da maioria poucas horas antes, e que eu poderia entrar pacificamente na cidade, como desejava, sustentado tão somente pelo voto livre de seus habitantes. Vós fostes, talvez, a parte dos mineiros sobre que mais pesou o jugo da escravidão, que maiores vexames e perseguições experimentou etc. etc.”

E a mesma proclamação assinala o caráter pacífico e cavalheiresco do pronunciamento em São João: “Uma só gota de sangue não foi derramada; um só insulto não foi feito aos nossos perseguidores no meio do maior entusiasmo.”

A revolta, aliás, nada pretendia, como é notório, no sentido de mudar as instituições. A Câmara Municipal de São João, no ofício em que a José Feliciano declarou reconhecê-lo por presidente interino da província, terminantemente dizia que o movimento tinha por fim “sustentar o trono do Sr. D. Pedro II e as liberdades pátrias”, convencida a mesma câmara de que “o pai comum dos

legalidade como do partido insurgente, e de outros documentos importantes e curiosos sobre a mesma revolução; com o retrato do Barão de Caxias e a planta do arraial de Santa Luzia. Rio de Janeiro, 1843.



brasileiros faria cessar as causas que arrastaram o seu bom povo a esta dura necessidade” (a da revolta).

No 1º de julho José Feliciano, na impossibilidade de fazer reunir-se a assembleia legislativa provincial na capital da província, convocou a mesma assembleia, extraordinariamente, para uma sessão em São João Del Rei, no dia 17 do mês então fluente.

Às 11 horas da manhã, no dia fixado, congregaram-se no Paço Municipal de São João treze deputados provinciais, entre os quais sobressaem os nomes de Teófilo Benedito Ottoni, José Pedro Dias de Carvalho e o Cônego José Antônio Marinho. Presidiu a sessão o deputado Antônio Fernandes Moreira, e nela se votou uma indicação do Cônego Marinho para que os deputados presentes se dirigissem ao presidente interino (José Feliciano), fazendo-lhe ver que não era possível a reunião da assembleia e assegurando-lhe a sua franca, leal e decidida cooperação e aprovação de todos os atos que tinha praticado e houvesse de praticar – “para salvar a Constituição e o trono”.

Entre os signatários da mensagem que em tal sentido foi dirigida ao presidente dos rebeldes, um, Oliveira Pena, desadriu (pedimos vênia para o verbo, talvez necessário) e lavrou posteriormente um protesto, dando-se como iludido quanto aos fins da rebelião.

Sabe-se como findou o tentame liberal, em 20 de agosto de 1842, no arraial de Santa Luzia. Aí as tropas comandadas pelo então Barão e depois Duque de Caxias bateram os rebeldes, cuja bravura e perícia chegaram, por momentos, a comprometer o bom êxito da causa legal. Dos governistas saíram nove oficiais feridos e quatro contusos, tendo havido dois cabos e dezesseis soldados mortos e 64 soldados feridos. Os liberais tiveram, segundo a ordem do dia do Barão de Caxias relatando o combate, 49 mortos, muitos feridos e trezentos prisioneiros; mas em ofício posteriormente

dirigido pelo mesmo general do Ministério da Guerra, em 25 de agosto, diz-se que o número de revoltosos mortos na ação talvez houvesse sido o dobro do enunciado na ordem do dia, por isso que, tendo caído a noite logo depois da ação, não se houvera tornado possível a exploração de todo o campo de batalha, sendo certo que depois se descobriram muitos cadáveres nos bosques vizinhos. Entre os prisioneiros figuraram Teófilo Ottoni e Dias de Carvalho, que depois foram senadores do império.²

Assim acabou essa revolta, filha antes do entusiasmo do momento que de bem-planeadas combinações; e logo se debandaram os que não foram mortos ou feridos. Em 21 de agosto, cerca de 1 hora da tarde, apareceu em Matosinhos uma força de setecentos homens armados, comandados por Antônio Nunes Galvão e Francisco José de Alvarenga; protestaram ao subdelegado não continuar mais na revolução e dispersaram-se às 4 da tarde. Cópia do protesto foi ao Barão de Caxias remetida pelo subdelegado de Matosinhos, alegando a impossibilidade de prender tanta gente.

O Sr. Visconde de Tocantins, que, talvez mais do que seu irmão, o imortal Duque de Caxias, contribuiu para a vitória de 20 de agosto de 1842,³ ainda encontrou, quando há tempos esteve em São João Del Rei, um velho de cor parda, corneta dos rebeldes e que por pouco não introduziu a confusão no exército legal, em tão célebre peleja.

Chamava-se Martinho esse homem e morreu mais que octogênario. Ao Sr. Visconde de Tocantins contou ele por miúdo a traça astuciosa de que lançara mão para perturbar as fileiras adversas.

2 Mas não se criaram prisões de Estado nem tribunas militares... Os réus civis foram submetidos a júri, e a anistia de 14 de março de 1844 já veio encontrar absolvidos os revoltosos de Minas.

3 “É a ele, sem dúvida, que se deve a glória deste dia.” (*Ordem do Dia* contendo os pormenores do combate de Santa Luzia. *Op. cit.*, pág. 247.)

Emboscou-se em um buraco de formigas, coberto de ramagens, e, dali ouvindo os toques de comando das forças legais, logo depois com sua trombeta executava outros, contramandando os primeiros, e que os inimigos reputavam seus pela situação do local donde vinham. Oficiais e soldados hesitantes nada compreendiam; e, como em combate muitas vezes o êxito só depende de uma manobra bem-executada, compreende-se o dano que de seu esconderijo poderia causar o ardiloso corneta.

Quando passou por São João, o vencedor de Santa Luzia perguntou por vários de seus antigos companheiros de armas... Estavam quase todos a dormir nas catacumbas... O senhor visconde foi aí visitá-los e refere-se que com abundantes lágrimas terminou a sua piedosa peregrinação.

Depois que a sorte das armas aniquilou as veleidades revolucionárias dos liberais, São João entrou com o resto da província na mais perfeita tranquilidade; mas sempre decaindo, como já dissemos, pelo acabamento dos trabalhos de mineração.

Finalmente o ano de 1881 deve ficar registrado nos anais por ser o da inauguração da via férrea, a linha de Oeste, que se propõe estabelecer o mais curto dos caminhos entre o Rio e Goiás.

A Estrada de Ferro do Oeste luta com dificuldades; mas é certamente uma das de maior futuro em nosso país.

Prendendo-se à Central, na estação do Sítio, essa linha dá saída aos produtos de numerosos e ricos municípios do Rio Grande e do alto São Francisco.

O tronco ou artéria principal segue pouco mais ou menos a direção do Rio das Mortes e do Grande, tendo como estações o Sítio (ponto inicial), Ilhéus, Barroso, Prados, Tiradentes (São José Del Rei), São João Del Rei, Santa Rita, Rio das Mortes, Nazaré, Ibituruna e Aureliano Mourão. Aí se bifurca a estrada: um trecho continua para oeste, no vale do Rio Grande, passando por Macaia, Pedra Negra, Funil e Ribeirão Vermelho; ao passo que a outra ramificação toma para o norte, demandando os vales do Pará e do São Francisco e tendo, no seu extensíssimo percurso, as estações de Bom Sucesso, Tartaria, Oliveira, Carmo da Mata, Gonçalves Ferreira (donde para oeste se desvia um pequeno ramal), Desterro, Henrique Galvão, Pará, Cercado, Cardosos, Pitanguy, Parimirim, Abadia, Rio São Francisco, Pompeu e Barra do Paraopeba, que é o ponto terminal. O ramal que parte de Gonçalves Ferreira toca em Sucupira e vai a Itapeçerica, antiga cidade do Tamanduá. Em todas essas vias férreas a bitola é de 76 centímetros.

Apesar de contratempos de diversa natureza, tem-se aumentado o tráfego. Em 1892 transitaram 84.751 passageiros, quando a menos de metade subira o algarismo de 1890. Naquele ano transportaram-se 1.157.127 quilos de bagagens e encomendas, 37.934 animais e 34.280.029 quilos de mercadorias. Dados fidedignos acusam em 1892 sobre 1891 um aumento em todas as verbas de receita, sendo desprezadas as frações, 58 por cento em passagens, 43 em mercadorias e 185 em animais.⁴

Da companhia, autorizada pela carta imperial de 20 de junho de 1878 e cujos primitivos estatutos foram aprovados pelo decreto nº 5977, dependem mais duas linhas, segundo o contrato celebrado com o governo federal em 24 de outubro de 1890: uma que, partindo de Uberaba, terminará nas águas navegáveis do Rio Paracatu, no Estado de Minas; e outra que de Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro, vai dar em Catalão, cidade próxima do Rio Paranaíba, no Estado de Goiás.

Assim ficarão ligados ao litoral os grandes centros de criação mineiros e goianos, altamente futurosos e ainda não aproveitados.

Além disso, adquiriu a companhia a concessão de uma via férrea de Barra Mansa a Angra dos Reis, e com ela ficará toda a rede em comunicação direta com um dos melhores portos brasileiros. O triângulo formado por Angra dos Reis, Catalão e a foz do Paracatu, representando a zona servida pela companhia, tem área não inferior a 100 mil quilômetros quadrados – superfície maior que a do reino de Portugal, inclusive Madeira e Açores (92.575

⁴ Isso escrevíamos em fins de 1893. O relatório apresentado pela diretoria em 30 de junho de 1891 ainda testifica incremento do tráfego, acusando, no ano anterior, 107.120 passageiros, 1.345.028 quilos de bagagens e encomendas, 23.682 animais e 39.616.201 quilos de mercadorias. Não obstante a anormalidade do período, ainda houve aumento nas verbas da receita, 17 por cento em passageiros e 40 em mercadorias. A diminuição na verba animais foi devida à necessária limitação dos trens de gado.

km²), e pouco menor que a da Bélgica, Holanda e Suíça reunidas (103.803 km²).

À estrada de Uberaba ao Paracatu ainda não se deu começo; mas não assim às demais linhas.

Na do Centro pouco falta para atingir o ponto terminal, Barra do Paraopeba;⁵ e muito se tem feito no ramo da Barra Mansa para Catalão, ascendendo a pouco mais de 647 quilômetros o total das linhas estudadas e aprovadas.

Perfunctoriamente examinemos este longo e interessantíssimo traçado.

Partindo da Barra Mansa, como dissemos, a estrada, não mais com a bitola de 76 centímetros porém sim com a de 1 metro, atravessa o Rio Paraíba, cuja margem esquerda acompanha, passando depois a margear o Turvo, que também atravessa, passando igualmente pelo Rio Preto.

Desenvolvendo-se pelo vale deste e pelo do Bananal, a linha atinge, na Serra da Mantiqueira, uma altitude de 1.299 metros, donde desce para o Rio Grande, alcançando-o em uma elevação de 1.118 metros. Naturalmente há de ser esta a parte mais sinuosa e difícil.

Não será também fácil, pela aspereza dos contrafortes e numerosos riachões, o trecho que do Rio Grande vai à Serra da Traituba, onde a cota de nível máximo é de 1.100 metros.

Vem depois o vale do Capivari, dirigindo-se o traçado para Lavras. Nas vizinhanças dessa cidade, o local em que se encontram as duas linhas (a de 1 metro e a de 76 centímetros) há de forçosamente ganhar suma importância e talvez tenha de absorver

5 Informa o relatório de 1894 que na ponte do Rio Raiz (321 quilômetros, 867 metros contados de Oliveira) se achava o assentamento da via permanente; e que em maio devia chegar a Barra do Paraopeba, no quilômetro 330. Já chegou, e aí estivemos em fins de agosto.



o próximo núcleo da população, da mesma sorte que a Barra do Pirá absorveu Santana.

Depois de Lavras procura o traçado o *divortium aquarum* do Rio Grande e do São Francisco. Em tal percurso se acha a garganta de Maria Juliana, na Serra das Candeias, na altitude de 960 metros.

Da Serra das Vertentes desce a linha por cabeceiras do São Domingos até a sua foz no São Francisco e sobe em seguida a cordilheira da Mata da Corda, na altura de 993 metros, margeando diversos ribeirões e percorrendo depois o vale do Rio Quebra Anzol.

Aí param os 647 quilômetros já estudados; mas indicações técnicas nos indicam o prosseguimento da via pela Serra de Macaúbas, margens do Rio Bagagem até a sua foz no Paranaíba, que será atravessado, indo findar em Catalão. Desde a Barra Mansa computa-se a extensão total em 1.040 quilômetros.

“Desde Barra Mansa até o vale do Quebra Anzol”, pondera em seu último relatório o Sr. Dr. Toscano de Brito, engenheiro-chefe encarregado da construção, “a zona servida pela estrada de ferro Oeste de Minas oferece magníficas condições de salubridade, clima ameno e temperado... Os terrenos, ora de campo, ora de mata virgem, ou capoeirão, são em geral férteis, mas pouco cultivados.

Dentre eles são notáveis os do vale do Rio Capivari, os do município de Candeias, as matas denominadas dos Pains e, na Serra da Mata da Corda, as vertentes do São Francisco. A sua produção consiste em cereais, gado vacum, cavalari e suíno; mas, além do café, que já produz e cuja exportação será considerável dentro de alguns anos, outras culturas serão com facilidade introduzidas e aclimadas.

Os caracteres da zona reconhecida desde o Rio Quebra Anzol até o Paranaíba são sensivelmente iguais aos da parte estudada do traçado. Quanto aos terrenos, são justamente

afamados os denominados da mata da Bagagem e os das matas do Paranaíba.

Debaixo do ponto de vista das relações comerciais e atuais vias de comunicação, a zona compreendida entre Barra Mansa e Catalão está naturalmente dividida em duas grandes partes, das quais é marco comum a Serra da Mata da Corda: a primeira, de Barra Mansa a esta serra, faz as suas importações e exportações por intermédio das estradas Minas e Rio, Oeste de Minas (parte em tráfego) e Central; a segunda, da Mata da Corda a Catalão, comunica-se com o litoral pela estrada de ferro Mogiana.

Vejamos agora o trecho que à Oeste de Minas deve assegurar imediata ligação com o mar.

Sai de Barra Mansa, em continuação da linha que desta cidade vai a Catalão, primeiramente correndo paralelo à estrada de ferro Central, com a qual se cruza; e em seguida, num percurso de cerca de 19 quilômetros, sobe o Rio Barra Mansa, ora pela margem direita, ora pela esquerda. Dessas ribeiras vai ter à Serra da Carioca, e aí, na altitude de 550 metros, atinge uma depressão denominada Garganta do Frade, donde passa à bacia do Piraí.

Os terrenos na parte que demora entre Angra e Barra Mansa são em geral montanhosos e extenuados pela cultura do café; mas não esqueçamos que o fim capital dessa linha é dar à estrada do Oeste saída marítima independente de outras vias férreas.

Tal é, num rápido esboço, a notabilíssima empresa de que nos ocupamos; e não ficaria ele completo se em silêncio deixássemos o anexo serviço da navegação do Rio Grande, que gradualmente se regulariza e desenvolve.⁶

6 Em 1893 fizeram-se oito viagens redondas, navegando três vapores e seis lanchas. O presidente da companhia assinala o desenvolvimento da navegação,

Quando a sua inteira expansão tiverem chegado todos esses meios de se aproximar os povos, sistema este de comunicações que muito deve (e injustiça fora calá-lo) à iniciativa e dedicação de um cidadão benemérito, o Sr. Antônio Francisco da Rocha, Goiás deixará de ser um quase incognoscível para o descurioso habitante do litoral, e com laços de próspera fraternidade se abraçarão quatro importantíssimos estados.

Assim Deus propicie tão patrióticos desígnios!

assegurando que em recente viagem teve ensejo de verificar a opulência natural da região.

Quem desembarca na estação, vasta, asseada, conquanto apresentando o aspecto vulgaríssimo dessa espécie de edifícios, dá com a vista no córrego que atravessa a cidade e a divide em duas partes bem distintas – o bairro da Matriz e o de São Francisco.

Esse riacho, a que uns chamam do Tijuco e outros do Lenheiro, denominação tirada da serra de que ele desce, corre de sul a norte e é tributário do Rio das Mortes. As águas que os são-joanenses veem deslizar sob seus olhos vão ter ao oceano no estuário do Prata.

Três pontes comunicam os citados bairros: uma em frente da estação, economicamente feita de trilhos da estrada, mas sólida, bem-acabada, e duas antigas, de cantaria, cada qual com três arcos e de aparência monumental. Quem olha para o riacho, minguado em águas, mal compreende por que tão elevadas se fizeram essas arcarias; porém mal raciocinaria quem condenasse por inútil a luxuosa cautela dos construtores. O ribeiro, por ocasião das enxurradas, faz-se torrente e mesmo rio. Em sua carreira vertiginosa arrebataria obstáculos que com menos resistência lhe afrontassem o ímpeto... Imagem verdadeira de um povo pacífico, cuja força mal se deixa suspeitar, mas contra quem, nos seus grandes momentos de cólera, todas as precauções não podem ser demasiadas!



Ao longo do riacho, cujas ribeiras são chamadas a *Praia*, corre um cais com paredão e passeio cimentados, desde a estação da Oeste até a Câmara Municipal, na extensão de 340 metros. É obra moderna, que deve ser continuada, e à qual só temos que objetar, bem como outras calçadas recentemente feitas, o emprego do cimento, que de todo não substitui com vantagem a excelente pedra azul das serras próximas.

Adiante da estação encontramos edifícios relativamente notáveis: o teatro, feito há poucos anos e com capacidade superior a quinhentos espectadores; a casa de residência do Sr. Dr. Hermilo Alves, distinto engenheiro; o Hotel Oeste, em vasto prédio de um só andar e com jardim à frente, oferecendo na fachada oito janelas separadas por larga porta envidraçada e lateralmente não menos de quinze janelas, estabelecimento ora dirigido pelo zeloso Sr. Domingos Santiago, que empenha esforços para elevá-lo à altura dos melhores; e finalmente a Câmara Municipal, com dois pavimentos e fachada adornada de ricos relevos.

Nesse paço municipal, que conta 22 metros de frente sobre 26,40 metros de fundo e depara em sua frontaria cinco portas com varanda de ferro na parte superior, também se acham a cadeia e a biblioteca pública, constituída por cerca de seis mil volumes, dos quais grande número pertenceu ao finado senador do império Gabriel Mendes.

Ocupam as prisões o pavimento térreo, que assim fica afeado pelas grades que guarnecem as janelas e pelas quais, sedentos de liberdade, enfiam as cabeças alguns presos.

Nenhum deles, informam-nos, pertence à localidade, e vêm de outras comarcas propínquas ou mesmo remotas, onde não podem ser guardados com a necessária segurança. Trabalham os prisioneiros fabricando peneiras, cestas e umas farinheiras de

chifre, em que não deixam de revelar perícia. Da venda de tais produtos encarrega-se uma notabilidade da rua, certo velhote a quem parece falecer o juízo, que aliás tão poucos possuímos na sua integridade. Uma das aspirações dos são-joanenses é, segundo ouvimos a muitos, a remoção da cadeia para lugar menos em evidência; e sem dúvida muito com isso lucrará o bom aspecto da municipalidade.

Contíguo, e fazendo frente para a Rua Municipal, está o mercado, inaugurado no 1º de novembro do ano corrente (1893). Nada tem de notável, e as poucas bancas apenas oferecem carne e legumes que vêm da colônia italiana Saint-Hilaire (Auguste) diz que em São João encontrou grumixameiras, bananeiras, mangueiras, jabuticabeiras, macieiras, pés de romã, ameixeiras, parreiras e damasqueiros. Nada mais exato; nos jardins e pomares da localidade exibem-se numerosos exemplares da mais variada flora: mas nenhum fruto chega ao mercado, com exceção de bananas, laranjas e jabuticabas... E estas, o melhor meio de havê-las graúdas e saborosíssimas é buscá-las não nos tabuleiros da praça, porém nas árvores, em algumas das aprazíveis chácaras dos arrabaldes.

Sigamos pela Rua Municipal e nela veremos a elegante casa onde se realizam saraus mensais do Clube São-joanense, amenas reuniões onde em lícita diversão se comprazem as famílias da localidade e nas quais a singeleza dos trajés em nada prejudica, e antes realça, a louçania das formosas senhoras e o garbo de galhardos cavalheiros.

Mais adiante, na esquina, a tipografia e redação da *Gazeta Mineira*, principal folha da cidade, habilmente redigida pelos Srs. Drs. João Salustiano e Francisco Mourão e na qual se publicam conceituosas crônicas do jovem Dr. Magalhães de Azeredo, que auspiciosamente se estreou na imprensa do Rio.

Deixando a Rua Municipal e quebrando ângulo reto à direita, vamos ter a um formoso largo, entre cujas casas se notam a da residência da veneranda Sra. Baronesa de São João Del Rei e a que foi construída pelo Sr. Barão de Itaipé, de quem conserva o monograma, mas que hoje pertence ao Sr. Dr. Arthur de Castro, seu sobrinho.

No fundo, precedida por um jardim com alterosas palmeiras, está a Igreja de São Francisco de Assis, que principiou a ser edificada em 1774.

É de cantaria e mede 53 metros de comprimento sobre 14 de largura. Para descrevê-la só um competente, e, portanto, cedamos aqui a palavra ao respeitável autor dos citados *Apontamentos*:

“O frontispício”, explica-nos ele, “é de pedra azulada e polida como o do Carmo; belíssimos relevos e decorações rodeiam as imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo e do santo pouco abaixo do pedestal da cruz colocada no vértice; e acima da porta principal, entre duas grandes janelas, está esculpida a efígie da Virgem da Imaculada Conceição, ladeada de serafins. As torres são cilíndricas com balaustrada em torno das cúpulas. Da vaza à cornija tem cada uma 33 metros de altura.

Com o exterior harmoniza o interior. A capela-mor é clara e espaçosa; suas laçarias e mais decorações, colunas helicoides e coloréticas, cingidas de festões dourados, os artesões da abóbada, as figuras de relevo, o trono aurientalhado, com a imagem do Senhor de Montalverne no alto, são outras tantas maravilhas da arte.

Interrompamos, neste ponto, o douto escritor, para alguma coisa intercalar com relação a esta belíssima imagem. Quem se der ao trabalho de subir, por dentro até o trono, ou melhor, quem

a distância conveniente, do meio da igreja, contemplar a figura do Crucificado mediante o auxílio das boas lentes de um binóculo terá, mesclado com o respeitoso temor da religião, o sentimento estético que produzem as verdadeiras obras de arte.

Como foi ali ter a São João Del Rei um artista capaz de tão acurada execução? Diante desta interrogação formou-se uma lenda. Diz-se que a Ordem necessitava de um escultor na altura do trabalho que tencionava cometer-lhe, e que nenhum se apresentava. Enfim aparece um homem, que exige avultado preço mas só querendo por antecipação o material para a obra e lugar acomodado em que trabalhasse. Clausurou-se o artista; ninguém mais o viu sair senão para apresentar concluída a sua obra-prima; e logo desapareceu, como por encanto, sem que jamais alguém lograsse revê-lo!

Eis a lenda, em toda a sua primitiva singeleza, como ainda hoje a conta este povo eminentemente conservador das suas tradições... Retome agora a palavra o autor da descrição interrompida:

A nave do templo é notável pelos seis altares laterais de talha mui variada, os quais depois de dourados ficarão sendo os mais belos daqui. No centro do teto todo branqueado e abobadado avulta um grande artesão alcachofrado, do qual pende um donoso lustre esmaltado e com prismas de cristal.

A cimalha que guarnece o teto é sustentada por colunas de madeira embebidas nas paredes, e cujos pedestais são de pedra azul. A espessura das paredes da igreja é tal que comporta em si as escadas de pedra dos púlpitos, largas cerca de 1 metro.

A tribuna da música tem um suporte mui merecedor de atenção, que é um arco elíptico abatido ou de sarapanel, o



qual abrange a largura da nave, fronteiro ao altar-mor. Logo abaixo está o guarda-vento de madeiras de primeira qualidade formando especiosa marchetaria.

O arco-cruzeiro é também de cantaria e de vistoso lavor. O adro é digno do templo, tendo balaustradas de mármore branco sobre as cimalthas e mainéis das escadas em zigue-zague com espaçosos patamares, bem como sobre o paredão intermédio às escadas, o qual é decorado de bem-lavrados arabescos e delicadas flores de pedra azul, que é a matéria das partes salientes ou ressaltadas do frontispício do célebre templo e dos degraus e frontaria do adro, à exceção dos balaústres.

“Em suma”, conclui o Sr. Pimentel, “a Igreja de São Francisco em seu todo harmônico exprime um pensamento arquitetônico: é como uma epopeia de pedra.”

Da parte esquerda do templo ergue-se uma encosta, que faz lembrar a do Castelo, no Rio de Janeiro. Logo no princípio está o bem-conceituado colégio para o sexo feminino, dirigido pela Exma. Sra. Dona Augusta Elisa da Costa Moreira.

A ladeira conduz a uma das colinas que estão a cavaleiro sobre a cidade. É o antigo morro da Forca, cuja triste denominação procede de haver sido o lúgubre teatro de execuções criminais em tempos idos – nome hoje felizmente comutado no de morro do Bonfim em homenagem à invocação sob a qual é adorado o Redentor em uma capelinha assentada na crista da eminência.

“Ultimamente”, dizia o monografista Rodrigues há 34 anos, “os patriotas a escolheram para o festejo da independência do império pelo seu lugar desafrontado... Aí retumbam, no dia 7 de setembro, os instrumentos músicos, fogos se erguem ao ar, anunciam a



reunião da Sociedade Ipiranga; e a voz do sacerdote entoava o hino sagrado, *Te-Deum, Laudamus.*”

O local é povoado e risonho. À medida que caminha o ascensionista, aos olhos se lhe vai desdobrando encantador panorama. Na cumeada pode de um lance de olhos abranger toda a vista do vale. Entre cômodos, não cobertos de basto arvoredos, mas tapizados de vegetação rasteira, afunda-se a baixada onde se plantou e floresceu a cidade. Alvejam as casas e do meio delas gravemente emergem as torres das igrejas. A grande transparência do ar, própria dos climas secos, deixa ver em seus mais pequenos pormenores os últimos planos da admirável perspectiva. E ao longe, mais ao longe, a morrer nas colinas azuladas que fecham o horizonte, divisa-se a grande várzea do Marçal, onde se projeta colocar a futura capital mineira...

O caráter geral da paisagem é o de risonha serenidade, que impressionou a Saint-Hilaire (Auguste), quando, depois de ter contemplado as alpestres belezas das serras mineiras, saudou nesta sorridente campina uma reprodução do alegre cenário de sua pátria.

Subamos, sem grande esforço, a ladeira e só paremos junto da ermida para exclamarmos triunfantes:

Hic tandem setetimus, ubi nobis defuit orbis!

Está fechada a igreja. Alguém aí nos informa que só aos domingos se diz missa, e assim mesmo nem sempre. Há em São João mais templos do que sacerdotes. Mas à beira do telhado chilra uma orquestra de passarinhos; e da vegetação batida pelos primeiros raios de sol sobe aos céus um aroma penetrante, balsâmico e saudável...

É a natureza que ao seu modo alça um cântico matinal ao Criador!

Ainda no Largo de São Francisco demora uma Escola Normal, no prédio que faz canto com a Rua da Prata.

Não tivemos ocasião de apreciar os trabalhos escolares por ser de férias o tempo da nossa estada. Verdade é que assistimos a uns exames, e a outros poderíamos ter assistido, mas estes, por via de regra, não chegam para avaliar a excelência dos métodos, que só se aquilatam ouvindo as lições. No que precede, claro está, pouco nos atribuímos competência e critério em matérias de ensino; e bom foi que em prova não se houvessem posto as nossas hipotéticas habilitações.

Funcionava a Escola Normal na antiga casa da Intendência, de que já falaremos. Hoje, com frequência que nos informaram mediar entre cem e duzentos alunos e alunas, incluídas as crianças da escola anexa, o edifício não tem, evidentemente, as necessárias proporções. Está para chegar mobília escolar adaptada; a existente deixa muito que desejar.

A antiga acomodação da escola foi no grande prédio onde em tempos coloniais teve sede a Intendência e moraram os ouvidores. Era aí também que se derretia e pesava o ouro; e da quantidade deste até bem pouco tempo davam testemunho grandes braços de ferro, que saíam da parede e de cujas enormes dimensões facilmente se depreendem as das balanças que eles sustinham e que se destinavam às pesadas.

Em algum tempo aí se achou estabelecido um colégio, fundado por R.J. Duval. Depois arrendou-se parte do edifício a um professor e de outra se fez quartel de força policial. Hoje essa propriedade nacional está sendo reconstruída e modernizada para alojar força de linha. *Habent sua fata aedificia.*

Próximo se vê a Igreja de São Gonçalo Garcia, cuja confraria era, e ignoramos se ainda é, agregada ao convento de Santo Antônio, do Rio de Janeiro, com a denominação de Confraria Episcopal de São Francisco e de São Gonçalo. Ainda não se concluiu a obra do frontispício.

Continuando em nosso passeio pela Rua Matola, que orientalmente corre paralela à margeada pelo Lenheiro, muito não andaremos sem achar o hospital de Nossa Sra. das Dores, fundado por um ermitão castelhano, Manoel de Jesus, com 20 mil-réis de fundos, que hoje ascendem a quase 200 contos de réis. De então para cá, escrevia em 1859 o inteligente monografista José Antônio Rodrigues, despendeu a Santa Casa mais de 500 contos.

O edifício tem dois pavimentos e acomodações separadas para loucos e morféticos. Contíguo se nota o Recolhimento dos Expostos, administrado pelos mesários da Misericórdia. Aos cuidados das beneméritas irmãs de São Vicente de Paulo foram confiados o tratamento dos enfermos e a educação das órfãs, e tanto vale dizer que assim em uma como em outra dessas espinhosas tarefas revelam as santas operárias da caridade o inexcedível zelo e dedicação de que dão provas em todo o mundo.

Unida ao hospital, como para indicar que sem cristianismo não pode haver caridade, vê-se a Capela de Nossa Senhora das Dores, pequena mas com um belo altar em talha dourada. Aí pela primeira vez se nos deparou, sobre peanha lateral, à entrada do arco-cruzeiro, uma imagem do Bem-aventurado João Perboyre, o mártir lazarista recentemente beatificado pela Santa Sé, e cuja



vida e sofrimentos, em prol da fé que espalhou nas longínquas regiões da China, reproduzem, na segunda metade deste século materialista, os valorosos prodígios do apóstolo Tomé e de São Francisco Xavier.

Defronte da Santa Casa é o necrotério.

Lembra-nos ter visto, em artigo, cremos que do Sr. Artur de Azevedo, esta curiosa observação: que os passageiros dos bondes da Carris Urbanos, lá no Rio, mostram-se enfadados quando ao passar pelo fúnebre edifício não avistam algum cadáver sobre as tristes mesas de mármore... Por toda parte o povo é ávido de espetáculos que lhe sacudam os nervos. Em São João não há a sensação de necrotério: mas, em compensação, sôfregas se apinham as turbas, acotovelando-se junto às catacumbas em ocasiões de enterro.

O Asilo de São Francisco está pouco mais adiante em magnífico terreno que pertenceu ao finado Bastos, pai do Sr. Dr. José Bastos, ilustradíssimo e simpático médico são-joanense. Infelizmente a casa não corresponde à chácara.

O asilo, obra de iniciativa particular, dá instrução e educação gratuita a meninos desvalidos da fortuna. Tem-se mantido penosamente, graças a donativos particulares e aos esforços dos Srs. Padres João do Castro e João do Sacramento e dos Drs. Antônio Costa, Xavier, Carlos Cunha e talvez outros beneméritos cujos nomes não nos tenham ficado. Da utilidade, mais diremos, da santidade da instituição não há disputar. Se mais ali não se faz, é que os meios escasseiam... E ainda assim não se faz pouco. Com as luzes da instrução atira-se às inteligências juvenis a palavra fertilizante da doutrina cristã. Nem são descuradas as artes: a banda do asilo é uma das melhores da cidade.

Saindo da chácara desse caridoso estabelecimento, a que não chamamos filantrópico para não enxovalhar com este epíteto, tão

ao sabor de filosofantes, a memória do orago que para si tomou a sublime divisa de CARIDADE, descemos pela Rua das Mangueiras e vamos dar na linha férrea, onde o trânsito não é proibido.

Entre essa rua e a sua homônima no Rio, hoje crismada em Rua Visconde de Maranguape, há esta diferença capital: uma tem e a outra não tem mangueiras. A alameda são-joanense, bem-tratada e guarnecida de bancos, seria, com os terrenos particulares adjacentes, excelente começo para um jardim público.

Para onde iremos agora? Não muito afastados nos achamos de um dos mais aprazíveis subúrbios de São João. Vamos até Matosinhos, porém devagar, como quem anda para aprender.

À beira da estrada topa-se com um telheiro. É o matadouro. Processos primitivos e às escâncaras. Bandos de urubus substituem economicamente a legião de funcionários municipais que corvejam em Santa Cruz. Como a carniça é pouca, os urubus de São João curtem fome e são obrigados a pescar lambaris nas águas do Lenheiro. Se é verdade a teoria de Darwin, daqui a milhares de anos esses feios rapinantes se terão evoluído em cisnes pretos...

Passemos adiante e vejamos alguns estabelecimentos que, se não representam plena florescência industrial, todavia acusam louvável espírito de iniciativa.

Entre eles figura uma fábrica de telhas. Tudo muito singelo... Um burro, preso a sua almanjarra, amassa argila, caminhando circular e lastimosamente, como os sofistas em torno de seu erro. Três ou quatro operários afeiçoam telhas e as deitam no chão. Ali mesmo um forno as espera para cozê-las.

Pertence essa fábrica incipiente à Companhia Agrícola e Industrial.

Dos Srs. Drs. Francisco Mourão e Hermilo Alves é a tentativa do fabrico de louça. O caulim, de que nos disseram haver próximas



jazidas, é excelente, e bem tratado pode produzir ótimos artefatos. Ensaiam-se agora os vernizes, que tudo o mais está resolvido.

Já trabalha e com algum resultado outra fundação fabril de tecidos de algodão, sita à margem esquerda do Lenheiro. Recebe da Europa o fio e o trabalha em dezenas de teares, parte dos quais inativa por deficiência de pessoal. Por Minas, ninguém o ignora, já existem grandes fiações; as fábricas Mascarenhas, de Juiz de Fora e do Curvelo, entre outras, lançam ao mercado grande cópia de produtos. Diamantina possui também grande fábrica. Oxalá possa com estas rivalizar a de São João.

Regressemos, porém, à outra ribeira do córrego e em poucos minutos de sossegado caminho chegaremos à sólida ponte sobre o Ribeirão Água Limpa, o qual bem o merece o nome pela perfeita transparência de sua linfa, que, como lá diz Camões, “por entre alvas pedrinhas se deriva”.

Súbito aí nos surpreende um burburinho de vozes joviais. Dir-se-ia revoada de aves ribeirinhas que céleres se aproximassem. É uma partida de estudantes que vem banhar-se no córrego.

Passam a correr, travessos, morrendo por se atirarem ao riacho. Respiram saúde e alegria... E temos-lhes inveja, não dessa que lastima a ventura de outrem, mas antes a doce melancolia com que a gente se lembra da juventude, para sempre abismada no golfo do passado.

Daí a meio quilômetro está a Praça de Matosinhos, onde se acha a igreja, não pequena e quase sempre fechada, isolamento de que se compensa nas festas do Espírito Santo, quando para lá se dirigem alegres romarias.

No meio da praça o cruzeiro tradicional, uma grande cruz de madeira preta, com o seu sudário e outros símbolos do máximo drama da nossa Redenção. Em torno, casas de pobre aparência e os longos muros que cercam vastos pomares. Pastam na relva

alguns bois mansos, em cujos grandes olhos pensativos se espelha a tranquila imagem do local. Não vemos outros transeuntes, e, não obstante a solidão da paragem, temos o sentimento da vida que palpita nas vizinhanças uma vida calma, serena, cujas vivas paixões não desafinam da nota bucólica, e cujas aspirações supremas tomam naturalmente o caminho do céu, apontado pela cruz do templo campesino.

Um dos atrativos de Matosinhos está nas suas jabuticabas. O leitor fluminense enganar-se-ia redondamente se por essa palavra entendesse as frutinhas agridoces produzidas pelas jabuticabeiras de sua chácara. Em Minas a árvore dá esferas roxo-negras que crescem, crescem até competir em tamanho com graúdos limões azedos. Dentro está uma polpa refrigerante e deliciosamente açucarada. Guardadas as devidas cautelas, podem ser impunemente chupadas quantidades incriveis dessa mucilagem. Em várias lutas que travamos, a ver quem mais ingeria, fomos sempre vencidos pelos naturais da terra, apesar de todo o vigor com que porfiamos por desbancá-los. A árvore, sem espinhos e dando a fruta pegada ao caule, parece oferecê-la aos gulosos. Demais esgalha-se quase junto do solo, como que convidando a subir. Verdadeira tentação, de que se pode sair indigesto, mas não arrependido!

Uma vez saciados, ocorre-nos ser já tempo de regressar; mas aborrece-nos o termos sempre lido que a cidade se acha perto do Rio das Mortes e não chegarmos a vê-lo nesta digressão. Adiante de Matosinhos logramos divisá-la no lugar denominado Porto.

Já farto de águas se mostra o rio, atravessado por extensa ponte, toda de aroeira-do-sertão, e uma das maiores da comarca.

Tristonha se nos afigura a aparência do sítio... Dir-se-ia que impressa naquelas ribanceiras ficou eternamente a memória de lutas sanguinosas que presenciaram.

Dominados por essa recordação, fitamos atentos a correnteza, como para examinar se ainda nela boiavam cadáveres de *emboabas* ou de paulistas... E eis que dessa contemplação nos tira o aproximar-se de um carro, puxado a doze juntas de bois, e que com o enorme peso faz tremer a ponte. Olha-nos de soslaio o carteiro, talvez admirado da nossa pasmaceira.

– Queríamos descobrir – dizemos-lhe sorrindo – se nestas águas vinha rolando algum morto...

– Não, senhor – replica-nos ele cortesmente. – Isto aqui é muito sossegado... Agora lá no Rio é que está o diacho!

Foi no bairro da Matriz que começou a cidade. A povoação desceu das montanhas em que havia ouro, alastrou-se pela encosta e foi pouco a pouco baixando até o rio. Ainda hoje, no dédalo de ruas e becos, tortuosos e mal calçados, que constitui a parte mais alta da cidade, facilmente se descobrem os vestígios de anciania mais que secular. As casinhas avelhantadas, sujas, feias e tristonhas fazem lembrar as pobres mulheres, também quebradas pelo tempo, que nas penumbras das igrejas estendem as mãos suplicantes, pedindo ao Senhor o perdão de antigos pecados e ao transeunte uma esmola para o dia de hoje.

Subindo sempre por esse labirinto há certeza de encontrar o morro, em cujo dorso logo se percebem os profundos gilvazes com que o feriram os trabalhadores da abandonada mineração. São as *betas*. Por trás do Carmo, no Cassoco e em outras localidades lá estão elas, enormes fendas que disséreis abertas pelas cutiladas de outro Rolando.

Mais abaixo, nas ruas principais, na do Comércio, na Direita, crismada em Duque de Caxias, reformaram-se os prédios, que assumem fisionomia mais moderna.

Vindo da *Praia*, isto é, das ribeiras do córrego, tomemos o prolongamento da Rua Municipal, em uma de cujas esquinas se ergue alteroso edifício, um dos poucos que tem dois andares.



Foi construído pelo último capitão-mor de São João Del Rei, João Pereira Pimentel. Quando o propagandista republicano Silva Jardim tentou fazer uma conferência nesta cidade, alojou-se na casa de que nos ocupamos e que então era um hotel e daí arengou ao povo. Foi vivamente apedrejado, e dizem-nos que por pessoas que ora são distintos próceres republicanos. Hoje aí se acha o grande estabelecimento de fazendas e modas da acreditada firma Marçal & Pimentel.

São João tem onze igrejas. Delas já mencionamos cinco: São Francisco, São Gonçalo Garcia e Nossa Senhora das Dores, propriamente no bairro de São Francisco; Bonfim, no morro assim denominado; e a Capela do Senhor Bom Jesus, em Matosinhos. Quatro templos se encontram no centro comercial: a Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar, a Igreja das Mercês, a de Nossa Senhora do Carmo e a do Rosário. Duas outras estão mais afastadas: Santo Antônio, na rua de igual denominação, e Bom Jesus do Monte, em um morro fronteiro às eminências do Bonfim.

Data de 190 anos a construção da parte interna da matriz. O exterior foi modernamente construído e apresenta duas torres quadrangulares de 30 metros de altura. Frontispício com cinco portas e outras tantas janelas envidraçadas. Empena triangular. Testada da frontaria lajeada, elevada de 12 palmos e circulada por gradil de ferro. Escada de cantaria com degraus largos e curvos. Há nas torres sete sinos e um relógio, aliás sempre em desacordo com o da estação.

No interior é para notar a douradura. “Fica-se deslumbrado”, diz Saint-Hilaire, “pela profusão de dourados que ornaram os seis altares laterais e sobretudo a capela-mor.” Não menos admirável é a riqueza da prataria no crucifixo, nos castiçais e nas lâmpadas pendentes diante de cada altar.



No sopé da Serra do Lenheiro, ao fundo de uma praça por trás da matriz, está a Igreja da Confraria de Nossa Senhora das Mercês. É de cantaria, não passa de pequenas dimensões e apenas possui uma torre. Dentro, o altar-mor e dois laterais. A essa igreja chega-se por uma escada de 50 metros, pouco mais ou menos. A confraria, na sua generalidade, é composta de homens de cor: e não se perca de vista que a distinção de raças é mais acentuada no interior do que no litoral do Brasil. Contaram-nos a história de um preto que, tendo no Rio professado como irmão terceiro do Carmo, aqui não pôde envergar o hábito em solenidade religiosa.

O Largo das Mercês é o que antigamente se chamava da câmara, porque nele demorava o paço municipal. Era na casa hoje ocupada pelo colégio dos meninos do Sr. Maciel, e aí em 1842 se reuniu a assembleia provincial convocada pelo presidente revolucionário.

O templo da Ordem Terceira do Carmo sobressai pela beleza da fachada, toda ornamentada de cimalthas e meios-relevos de pedra azul. Sobre a porta principal vê-se esculpida a imagem da Santíssima Virgem, rodeada de serafins. As torres são octogonais. O interior tem obra de talha digna de atenção.⁷

⁷ A 6 de abril de 1893, cerca de 9 horas da noite, caiu uma faísca elétrica na torre direita da Igreja do Carmo e produziu estragos consideráveis.

Descendo pela haste da cruz, em cuja base havia uma grande águia bicéfala de folha de ferro, o raio determinou a queda da referida cruz e da sua base, deitando abaixo uma grande pedra que a sustentava. Toda a parte superior do coruchéu ficou em ruínas, apresentando aspecto semelhante ao da torre da Igreja da Lapa, decapitada por uma bala do *Aquidabã*, poucos dias depois do começo da revolta.

Desceu a centelha pela frontaria do edifício, deteriorando alguma das belas figuras de pedra que adornam a fachada, mas poupou o lindíssimo medalhão em que se acha esculpida a effigie da Virgem do Carmo, e assim pareceu respeitar aquele passo das Sagradas Letras: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo*.

Uma das vidraças da frontaria ficou com os vidros despedaçados; e sobre o adro caíram não só muitos fragmentos de caliça e dos ornatos de pedra mas também dois grandes blocos despedgados do coruchéu.



Ao lado esquerdo do templo fica o cemitério da Ordem. É quadrado e com as suas catacumbas dispostas em quatro ordens. Costuma-se mostrar o portão de ferro, obra muito bem-acabada.

Foi nesse cemitério que pela primeira vez assistimos a um enterro em São João. Era de criança. O representante da família veio em meia caleça de aluguel, acolchoada e cheia de flores, e trazia consigo o fúnebre caixãozinho e mais quatro meninas, de 5 ou 6 anos de idade, com a tradicional vestimenta dos anjinhos de procissão. Os convidados para a cerimônia aguardavam o saimento à porta da igreja e com rochas acesas receberam o féretro, que do carro foi conduzido a mão pelas quatro crianças até o interior do templo, onde foi deposto sobre uma essa toda enflorada. Celebrou-se a encomendação com orquestra e cânticos, e em seguida se procedeu ao depósito na catacumba. Confessamos que esse cerimonial, onde tão piedosamente se aproximavam os vívidos sorrisos da infância e a gelidez da morte, o horror da

Na parte interna da torre igualmente se deram avalanches notáveis, observando-se dois grandes rombos, um na parede da frente e outro na lateral da esquerda.

As descargas elétricas, que espaçadamente haviam precedido a do sinistro, não faziam conjecturar a possibilidade de tão violenta detonação, cujo estampido se fez ouvir atoador em toda a cidade, acreditando cada qual que o raio tinha caído nas proximidades.

Além dos prejuízos causados na igreja, e cujos reparos poderão orçar por 15 a 20 contos de réis, o raio também causou alguns mas leves danos em uma casa particular. Não houve, muito em boa hora, perda de vida.

Pouco antes do sinistro, alguns cavalheiros que conversavam no estabelecimento dos Srs. Marçal & Pimentel notaram no quadrante sul uma espessa nuvem que, quando conflagrada pelos relâmpagos, apresentava um foco globuloso com a aparência da lua cheia. Daí provavelmente se originou a terrível descarga, que apenas foi seguida de mais duas, e estas já enfraquecidas.

Tais sucessos, repetindo-se na cidade, situada em vale e nas adjacências de colinas metalíferas, estão indicando a necessidade de para-raios nos edifícios mais elevados e expostos. São Francisco, Mercês, a matriz – todas essas igrejas já foram fulminadas antes do Carmo.

separação e a crença da imortalidade, constitui um dos episódios que mais nos têm impressionado.

O Rosário é templo de aparência modesta, e em trabalhos de reconstrução. A torre em que estavam os sinos foi demolida, porque ameaçava ruína. Três são os altares. A irmandade é geralmente composta de pretos. Otimamente situado está o seu cemitério.

A Capela do Senhor Bom Jesus do Monte é de medíocre grandeza; tem um só altar e acha-se colocada, como acima dissemos, no alto do morro de não fácil acesso. Em 3 de maio, quando a Igreja católica festeja a invenção da Santa Cruz, que, única, teve a honra de carregar o resgate do mundo – *quoe sola fuit digna portare talentum mundi* –, a capelinha do Bom Jesus enche-se de fiéis em incessante romaria.

Na Rua de Santo Antônio acha-se a capela dessa invocação, lá para os lados do Tijuco. Singela aparência exterior, e um só altar.

Além dos onze templos de que temos falado, outro ainda existia em 1859, quando J.A. Rodrigues escreveu a sua descrição. Era a Capela de São Caetano, em cuja edificação ocorreu curiosa celebração.

Homem caprichoso e que não admitia contraditas foi quem a erigiu: alguma coisa assim como o capitão-mor da *Morgadinha de Valflor*, o qual não tolerava que os sonetos feitos à mana tivessem versos que não enchessem o papel todo.

Ordenou, pois, o nosso mandachuva que na igreja a capela-mor fosse mais alta do que o corpo do edifício.

– Mas, senhor, isto é coisa que nunca se viu – objetou medrosamente o mestre de obras.

E o potentado, já meio irascível:

– Não me diga asneiras! Tudo o que é *mor é maior*, isto é, *mais grande*. Faça a capela-mor mais alta do que o resto.

E assim se executou.



Como prova da altivez desse homem conta-se que, na mesma igreja, em certo reposteiro, na parte lateral que dava para uma tribuna, mandou bordar o seguinte letreiro: “O rei depende de nós, e não nós dele.” Era guarda-mor o edificador da Capela de São Caetano, e por isso entrou a considerar-se maior do que o soberano. Em todo caso não é para desprezar esse fato na quadra do absolutismo da metrópole. Mais livremente não se haviam com Hugo Capeto os seus condes, que o tinham feito rei.

De espaço a espaço divisam-se nas ruas umas altas portas com pesados batentes de madeira, misteriosamente trancados e encimado tudo por cruces. Enleou-nos aquilo... Para igrejas eram muito acanhados os tais vãos. Afinal explicaram-nos que são oratórios, onde estão figurados os Passos do Senhor e diante dos quais param as procissões, comemorando os sofrimentos do Homem-Deus.

No Rio de Janeiro também já vigorou esse piedoso costume. Não sabemos se existiram grandes nichos com o feitio dos de São João, mas pequenos oratórios certamente houve, e ainda permanece um na Rua da Alfândega, esquina da do Regente, tanto que a loja nesse ângulo durante muitos anos se disse do *Oratório de Pedra*.

É no bairro da Matriz que se concentram o comércio e a indústria são-joanenses, bem representados por grandes armazéns de comestíveis, talhos ou açougues, farmácias, ferragistas, marcenarias, lojas de fazendas e modas, fotografias, relojoeiros e ourives, alfaiates, sapateiros, destiladores e refinadores, barbeiros e cabeleireiros etc. A vida comercial é aqui muito mais intensa que a de Barbacena, estendendo-se a área das permutas a toda a zona do Oeste em Minas, ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Os hotéis Martinelli e Assumpção, nesta parte da cidade, abrem

concorrência aos do Oeste e da Estação, situados à margem direita do riacho; e só falamos dos maiores.

Já, no correr deste ligeiro trabalho, tivemos ocasião de referir-nos a várias casas de ensino – a Escola Normal, um colégio de meninas e outro para o sexo masculino. Mas pelo seu caráter especial pedimos vênua para especialmente citar a escola *João dos Santos*.

Ela foi fundada pelo venerando Sr. Visconde de Ibituruna (Dr. João Batista dos Santos) e inaugurada em 2 de abril de 1881 pelo finado imperador. O fundador fez doação do prédio e outrossim acode a todas as despesas com honorários do professor, livros e mais objetos. Aí se lecionam as matérias de instrução primária, e o ilustrado e zeloso Padre Gustavo Ernesto Coelho, eficazmente coadjuvado por seu digno irmão, não descursa o ensino religioso, assim preparando ao mesmo tempo a inteligência e o coração dos pequeninos.

O fato de nessa escola haver um curso de doutrina cristã, desgraçadamente excluída dos colégios públicos, faz com que para lá se encaminhe crescido número de candidatos à matrícula. Primeiro havia duas turmas de alunos: uma do sexo masculino e outra do feminino; mas, como depois as Irmãs de São Vicente de Paulo começaram a educar meninas pobres, hoje só se recebem meninos, aumentando o número de lugares, que sobe a cinquenta. E não se dá vaga que não seja logo preenchida.

Assistimos a uma das festas escolares, os exames que precedem as férias. Na sala, modestamente guarnecida de móveis e ornada de flores e crianças, havia um grande crucifixo. Ali todos, de frente erguida, confessávamos a Jesus Cristo. Em outra parede um retrato: o de João dos Santos, honrado pai do Sr. Visconde de Ibituruna.

Foi para perpetuar com um benefício a memória de seu progenitor que o sr. visconde instituiu a escola. Ideia feliz e que, mais



viva do que no mármore ou no bronze, deixará esculpida nos espíritos a memória do pai, tão nobremente continuado no filho!

Por último, e dando por terminada a nossa excursão no trecho à esquerda do Lenheiro, íamos batendo em retirada, quando alguém, sabedor de particularidade não mui conhecida em São João, nos informou de que, a pequena distância, nas colinas que formam o último degrau da serra, vivia em companhia de seu marido octogenário uma senhora de 67 anos, sobrinha-neta do célebre Tiradentes, cuja comemoração é entre nós dia de festa nacional.

Introduzidos pelo nosso amigo, tivemos o prazer de cumprimentar o Sr. Estêvão do Escobar, que logo nos apresentou a sua esposa, dona Maria, enunciando a relação de parentesco que nos aguçara a curiosidade:

– Esta é minha mulher, sobrinha do Tiradentes.

A colateral do famoso e malgrado Inconfidente mostra no semblante traços que fazem lembrar os perfis de alguns Césares em medalhas romanas. Devia ter sido formosa. É notável a fixidez de seu olhar, que, combinada com a retidão da comissura labial, dá-lhe ares imperativos e autoritários, raramente interrompidos por benévolo sorriso.

Falou-nos aliás com a mais perfeita polidez. Não conheceu pessoalmente, claro está, o tio-avô, justicado há mais de cem anos, nem sequer tem lembrança de retrato de família que o representasse. Assim se frustrou o nosso desejo de apurar qual houvera sido o verdadeiro tipo fisionômico de Joaquim José da Silva Xavier, tão diversamente imaginado pelos nossos pintores e desenhistas.

Sem transcender as raias do acatamento que todo homem de honra deve ao lar onde foi bem acolhido, acreditamos poder divulgar que em honrada pobreza tem vivido esta próxima parente do homem hoje tão festejado em todo o Brasil.

Como tivesse a conversação rolado sobre a fazenda do Pombal, onde nasceu o Tiradentes, próxima à cidade de São José Del Rei e ribeirinha do Rio das Mortes, disseram-nos que dessa próspera situação, que teve antigamente grande casa de vivenda, hoje não resta mais pedra sobre pedra. Os mesmos materiais foram tirados para servir a outras edificações. O mato invadiu tudo, nem deixa o caminheiro suspeitar de que pisa terreno outrora culto e celebrado pelo nascimento de brasileiro mui famoso.

– Uma lembrança – dissemos então. – Os poderes públicos deviam talvez restaurar a fazenda e ofertá-la àqueles em cujas veias corre o sangue de Tiradentes.

– Estamos remediados e vamos vivendo – contestou com distinção e altivez um dos circunstantes, genro de Estêvão e de sua senhora –; e, se tivessem de atender a isso, deveriam antes olhar para outros... Há, por exemplo, aqui perto mais um parente de Tiradentes, bem doentinho, coitado! e que, não podendo trabalhar, está muito mais precisado que nós...

Comprendemos que há delicadezas que cumpre não melindrar, e julgamos ter dito o necessário para os entusiastas do Tiradentes.

Metida no ângulo que formam a Serra do Lenheiro e os morretes do Bonfim, São João Del Rei não ficará bem conhecida por quem se limitar a estudá-la nesses estreitos limites. Os subúrbios de uma povoação fazem parte da sua identidade. Como apreciará o Rio de Janeiro quem não tiver subido ao Corcovado ou baixado a Copacabana?

Conosco já foi o leitor a um dos arrabaldes de São João, Mattosinhos, aonde facilmente se chega em digressão pedestre. Agora pedimos-lhe que conosco tome direção oposta. A manhã está fresca e bem convida ao passeio. Nosso objetivo são as *Gameleiras*.

O córrego assim chamado é um afluente do Tijuco. Provém o nome do aspecto de certas escavações circulares que no solo pedregoso praticaram as águas: *Gutta cavat lapidem*.

Tomamos o caminho do Tijuco. Breve a estrada se faz trilha, beirando um despenhadeiro. A vegetação, que pobremente se nutre da estreita camada de húmus, mal chega para vestir as colinas. Nas rochas circunvizinhas, que não raro se desnudam, dão-se a conhecer ardósias e talcoxistos. Em outros lugares exhibe-se uma sílica de grão extremamente fino, que ainda aos menos profissionais se denuncia como excelente material para a fabricação de vidro.



Há no local duas fontes dignas de exame. Uma evidentemente contém ferro. Outra nos é assinalada como gasosa e, com efeito, brota do solo desprendendo bolhas. O papel de tornassol de um dos nossos companheiros não denunciou a presença de ácido carbônico. Fica para os químicos outra análise menos rápida. (A nossa fez-se em meio segundo.)

Chegados à escavação ou *gamela* principal, fomos obrigados a desviar os olhos... Dois cavalheiros ali tomavam banho no traje edênico do Adão antes de tentado. Com a indiferença própria das ingenuidades primitivas ou das rematadas civilizações, continuaram a lavar-se como se tão perto não estivéssemos.

Essa aparição, fundamentalmente diversa da que transviou os companheiros do Gama ao desembarcarem na ilha dos Amores, não nos podia ser muito agradável. Conquanto não verdadeiro o *rito antigo*, como lá diz o poeta dos *Lusíadas*, compreendemos que o sítio era votado não a ninfas mas a faunos, e discretamente nos afastamos.

A várzea do Marçal – é outro passeio predileto dos são-joanenses, e que eles constantemente preconizam aos recém-chegados.

Essa localidade tem ultimamente adquirido fama, e não pequena, por ser um dos pontos indigitados para o assentamento da futura capital do Estado de Minas.

Sabe-se que o art. 13 das disposições transitórias da Constituição mineira (15 de junho de 1891) decretou a mudança da capital para a localidade que, oferecendo as precisas condições higiênicas, se prestasse à construção de uma grande cidade. Desse modo os legisladores constitucionais de Minas, expressamente determinando que o seu futuro centro político e administrativo será também um dos grandes núcleos de população, puseram-se em contradição flagrante com a experiência da grande União Norte-americana, que, ao contrário disso, quase sempre elege para

capitais de estado cidades de segunda ou de terceira ordem quanto à população e desenvolvimento comercial.

Cinco foram os lugares indicados pela lei de 28 de outubro de 1891, em observância do citado artigo à Constituição: Juiz de Fora, na região da Mata; Barbacena e várzea do Marçal, na do Campo; e Belo Horizonte e Paraúna, no sertão. Uma comissão numerosa e competente, tendo por chefe o Sr. Dr. Aarão Reis, distribuiu-se pelas cinco paragens e longamente as estudou no tocante às suas condições naturais de salubridade, abastecimento de água potável, esgoto das fezes e águas servidas, drenagem de solo, facilidade de edificação, recursos de vida, iluminação, meios de viação e despesa mínima que exigirá a execução dos trabalhos por fazer. O resultado de todos esses estudos foi colhido em um livro – daqueles que o Sr. Ferreira Vianna diz que são muito compridos, muito largos e muito grossos – e nesse vasto repositório fartamente poderão beber os estudiosos de coisas mineiras.

Em conclusão, e feita a classificação dos méritos das localidades concorrentes, obteve primazia a várzea do Marçal, e, à hora em que traçamos estas linhas, o Congresso mineiro, reunido em Barbacena, delibera sobre o assunto, que traz suspensa a atenção pública em todo o estado.⁸

A planura do terreno permite que à várzea se vá de carro. Um homem caridoso presta-se a alugar veículos que, mediante 20 mil-réis, transportam até as Águas Santas, ponto terminal ordinário dessas excursões.

É realmente uma bela e vasta planície a várzea do Marçal. A área dos terrenos compreendidos debaixo dessa denominação

⁸ Sabe-se que, depois disso, o Congresso, tendo-se por duas votações sucessivas inclinado à opção pela várzea do Marçal, em terceira e definitiva escolheu para assento da nova capital o lugar hoje denominado Belo Horizonte, antigo Curral d'El-Rey.



e estudados pelo Sr. Dr. José de Carvalho Almeida, engenheiro da referida comissão, abrange não menos de 26.493.017 metros quadrados,⁹ dos quais 14.301.809 são do estado e 12.191.208 de propriedade particular.

Em cinco partes divide o Sr. Dr. Almeida essa imensa planície: 1ª, a várzea de Matosinhos, de que já nos ocupamos e que constitui próximo subúrbio de São João; 2ª, a várzea do Porto, ligada à de Matosinhos pela ponte onde topamos com aquele carreiro finamente malicioso; 3ª, a várzea do Marçal propriamente dita, que do sopé da Serra de São José suavemente desce (declive de 1 por cento) para os rios das Mortes e Carandaí, terminando ao norte por um contraforte de serra da altitude de 50 metros; 4ª, os terrenos do estado que, por sua conhecida uberdade, tinham sido designados para as colônias Carandaí e Felizardo; e 5ª, os terrenos elevados que se acham além do contraforte ao norte da várzea do Marçal e que vão até o Rio Carandaí.

Tudo isso, exceção feita a Matosinhos, que aliás não tem muita gente, está quase desabitado. Apenas vinte fogos contaram os engenheiros em área de tamanhas dimensões! Raros colonos cultivam algumas hortaliças ou entregam-se à destruição do mato para fazer lenha. A solidão é quase completa, e a quem vai entrando por aquela enorme planura invade a mesma sensação que salteia o navegante quando lhe foge a terra e começa o alto-mar.

Para altitude da várzea dá o Sr. Dr. Carvalho Almeida 903 metros, modificada para 899 metros a altitude de São João Del Rei, em vez de 860, que oficialmente se lhe atribui, e de 892, que lhe assinou o chefe da Comissão Geográfica do Estado de Minas. *Auctores utraque trahunt.*

⁹ São mais de 26 quilômetros quadrados. O principado de Mônaco, estado independente, tem 21.

Mas não admira que em cálculos por sua natureza delicados e resultantes de observações difíceis divirjam os profissionais tão hábeis, quando no mesmo relatório da comissão achamos elemento para grandes oscilações do nosso espírito, naturalmente avesso à dúvida. Ora, imaginemos que, enquanto o carro vai rodando pela várzea, nos assalta a curiosidade de saber se no subsolo existe algum lençol de água, como aquele a que no Rio se deitam as culpas de sua pretensa insalubridade. Suponhamos ainda que, sem receio de aumentar o peso ao carro, trouxemos conosco o volumoso relatório da comissão... Não existe lençol de água, diz terminantemente o Sr. Dr. Carvalho Almeida, à pág. 8 do seu belo estudo. Mas já o Sr. Dr. Pires de Almeida, à pág. 12 do seu não menos interessante trabalho, entende que o lençol de água existe, e até muito superficial. Mandaria a prudência que, em caso de dúvida, nos abstivéssemos. *In dubis abstine*. Mas, em que pese o senhor doutor higienista, preferimos encostar-nos ao senhor doutor engenheiro, que praticou várias sondagens, não sendo provável que as houvesse feito o distinto médico.

Foi ao percorrer a várzea do Marçal que tanto se enlevou Auguste de Saint-Hilaire, registrando a sua admiração em palavras, a que já aludimos e que contrapõem às rudes paisagens das cordilheiras a deliciosa perspectiva da planície. É certo que não sem motivo se extasiou o viajante francês. Indo fenecer na Serra de São José, o campo verdejante semelha a um imenso tapete e com branda inclinação desce o Rio das Mortes, gigantesco riacho de colossal jardim; bafeja-nos o rosto uma brisa fresca, e que naturalmente já tinha molhado as asas na corrente dos próximos rios; e, para onde quer que espriássemos a vista, sempre a lhanura a abater-se e a pintar-se com os variados matizes que lhe emprestavam as mutações de luz, em um dia ora nublado, ora deslumbrante.

Temos notado que das montanhas há mais entusiásticas descrições que das terras chãs. Assim também, no mundo moral, os feitos sublimes e terríveis, combates, assaltos de cidades ou destruição de esquadras, de preferência ocupam a pena dos escritores que se designariam de encomiar a virtude humilde e laboriosa. Mas as várzeas também, posto que não muitas, têm tido seus poetas, e a do Marçal merece encontrar o seu. Quer até parecer nos que, se ainda em Minas não se empunhou a lira para decantá-la, tem sido por louvável escrúpulo para não prevenir a sentença de areópago de Barbacena...

De espaço a espaço encontram-se montes de cascalho. “São produzidos”, escrevia há pouco para o *Farol*, de Juiz de Fora, o Sr. Dr. Augusto de Lacerda, digno engenheiro-chefe da Comissão Geográfica, “pelas antigas explorações de ouro, que deixaram escavações hoje cobertas de água, formando lagoas de fundo firme e arenoso... Esses montes de cascalho deveriam ser aproveitados pela municipalidade para o macadame das estradas vizinhas.” Por todos os lados os vestígios do homem, sequioso de ouro!

A parte norte, que vai se elevando, conduz às Águas Santas, local rodeado de montanhas, de uma das quais desce o córrego, a que se atribuem propriedades medicinais.

Das fontes que lhe dão origem uma é férrea, e as outras, termiais, na temperatura constante de 29 graus centígrados. Diz-se que contêm arsênico; e sinceramente lamentamos que o médico higienista da comissão de estudo dos lugares indicados para a capital, com toda a sua competência, não tivesse escrito sobre a natureza e eficácia de tais águas.

O certo é que, ou pela excelência delas, ou pela do clima combinada com outras circunstâncias, averiguada se acha a benignidade do sítio para enfermos de várias moléstias. Das Águas Santas ouvimos maravilhas ao Sr. Dr. Azevedo Macedo e outros clínicos experientes.



Por isso também são vivamente disputadas as poucas e más casinhas lá existentes. Quando ali passeávamos, chegou um pobre doente – pobre pela enfermidade, mas não por falta de fortuna, pois era fazendeiro – e do seu carro tirado por bois fez subir o necessário para armar uma barraca, que efetivamente se armou. Homem resoluto, não conseguira achar pouso e recorria aos antigos processos.

O Rio Carandaí, afluente do das Mortes, forma ao nordeste da várzea uma grande cachoeira, tão importante pela sua face estética quanto pelas aplicações industriais de que é suscetível.

A extensão encachoeirada regula por meio quilômetro, se tanto, e encerra quatro quedas sucessivas. A primeira é antes um rápido, vindo as águas lançar-se em uma espécie de lagoa formosíssima.

Em menos da metade do percurso entre as extremas rupturas do nível, cai o rio, que despeja um mínimo de 4 mil litros d'água por segundo, em estreitíssimo canal de 2 a 3 metros de largura, e do qual se escapa, como de mesquinha prisão impetuoso cativo, para ir tombar na quarta e derradeira queda.

A diferença de nível da grande cachoeira é de cerca de 35 metros (na de Paulo Afonso, 80, e na do Niágara, 50); mas, não tendo a pretensão de eclipsar as formidáveis cataratas de outros rios de primeira ordem, nem por isso a do Carandaí causa menos impressão ao excursionista apaixonado por belezas naturais. O rio, atirando-se de alto rochedo, espuma raivoso, trovejando e alvinitante. Causa vertigens contemplar-lhe a carreira das águas, e, entretanto, dessa atração do abismo custa à gente alongar-se!

A força motriz da catadupa, que por minuto vaza, em tempos de seca, 240 toneladas de líquido, não necessita de encarecimento para os leitores, homens do seu século e conhecedores da transmissão da força por meio da eletricidade. Se na várzea do Marçal vier a realizar-se o desejo do Sr. Dr. Aarão dos Reis – a edificação,



dentro de três anos, da primeira cidade da América do Sul –, a cachoeira do Rio Carandaí mui breve terá onde aplique a pujança com que a dotou o Criador.

Resta-nos falar de terceira digressão, à maior curiosidade das vizinhanças de São João Del Rei, a Casa de Pedra, como a denominam, isto é, uma gruta que demora a pouca distância da linha da Oeste, entre São João e São José Del Rei.

Fica a légua e meia, pouco mais ou menos, daquela cidade, no extremo da cordilheira do Bonfim e à margem esquerda do Rio Elvas, também afluente do das Mortes.

O terreno é aí calcário, e a escavação tão vasta que, no dizer dos habitantes das imediações, poder-se-ia andar um dia inteiro e sempre a descobrir novas comunicações e aposentos.

Todas as auroras se assemelham – ouvimos a certo preguiçoso, que destarte se desculpava de ter ficado a roncar na cama, quando todos os outros se erguiam para assistir à esplêndida alvorada. O mesmo se poderia objetar às maravilhas das grutas: são quase sempre as mesmas. É verdade: mas nem por isso é menos admirável o trabalho da natureza, tão caprichoso que excede as mais atrevidas fantasias do homem.

Das abóbadas de vastos salões descem concreções estalactíticas, figurando cortinas. Em tal recanto a formação calcária simulou um púlpito. As galerias de comunicação apertam-se em vários lugares, obrigando os visitantes a caminhar de gatinhas, o que não deixa de ser picante se no bando folgazão há cavalheiros obesos e senhoras... de avantajada corpulência. Os incômodos, porém, e mesmo os terrores de alguns mais tímidos calam-se espontâneos quando o guia (que sempre é bom levá-lo para esse labirinto) sacode o archote e com seus reflexos avermelhados explora as profundezas da caverna.

Melhor ainda, se pródigo passeante está munido de uma fita de alumínio e de repente a faz arder. Iluminam-se então de gala aquelas soturnas paragens: dançam festivos clarões em arcarias que ninguém suspeitara; revelam-se, imprevistos, grupos onde a imaginação completa formas apenas lobrigadas; crescem as sombras, desmesuradas, afundando-se nas reentrâncias, e rebrilham nas arestas as saliências faxas e estrelas ofuscantes...

Para que multiplicar frases que não podem dar a sensação do que nunca se viu e apenas valerão como pálida reminiscência do que já se tenha visto? Leitores amigos, em matéria de grutas já tendes apreciado a do Grande Manmouth na União Americana ou a do Inferno em Mato Grosso? Pois neste caso sede complacentes para com o nosso entusiasmo, que não contemplou tais prodígios. Mas somente conheceis a gruta de cimento do jardim de Campos? Oh!, nesse caso, permiti que vo-lo digamos, a Casa de Pedra tem muito mais que mostrar-vos e tudo com a originalidade e a magnificência da natureza.

À beira da linha férrea, no começo da trilha que leva à gruta, estão os fornos onde se queima a pedra das cercanias para reduzi-la a ótima cal. No trem que tomáramos, aventou-se a ideia de que, sendo a Casa de Pedra propriedade da companhia a que pertencem os fornos, tempo chegaria em que por eles passassem as lindíssimas estalactites, os mimosos festões e as grandiosas arcarias daquele assombroso palácio... Tal ideia gelou-nos de horror.

Ao município de São João Del Rei compete, quanto antes, adquirir e cautelosamente zelar essa obra-prima, que é uma das maiores e mais fúlgidas gemas da sua coroa.

Tendo longamente dissertado sobre a cidade de São João, revolvido seus anais, estudado sua ferrovia, visitado seus monumentos e percorrido suas principais circunjabências, resta-nos tratar deste ótimo ramo da família mineira e acentuar alguns lineamentos que o caracterizam.

Em primeiro lugar registremos o sentimento religioso da população. O clero é sinceramente acatado. São concorridíssimas as festas católicas, e em nenhuma delas se poderá censurar distração ou, pior ainda, falta de respeito às coisas santas.

De justa nomeada gozam as solenidades da Semana Maior, e para assistir a elas de longínquas paragens afluem os fiéis. O esquife do Senhor Morto, na procissão do Depósito ou do Enterro, é acompanhado por todo o povo da cidade, e com silencioso acatamento, não perturbado por uma só nota discordante.

Mui brilhantes e famosas são também as festividades da Boa Morte e da Assunção da Senhora, a 14 e 15 de agosto; e igualmente populares se têm feito as do Senhor do Bonfim e de Matosinhos.

Em vários dias, além dos domingos, podem ouvir-se missas com música e cânticos sagrados. Na matriz, às quintas-feiras, há exposição e adoração do Sacramento Eucarístico. E ao encerrar-se o Mês de Maria organiza-se piedoso e gentilíssimo préstimo de meninas, que sob a direção das Irmãs de Caridade efetuam a sua primeira comunhão.



Em uma de suas homilias o venerando senhor bispo titular de Camaco e coadjutor da diocese de Mariana, querendo pintar ao vivo o descalabro em que se lhe tinha deparado o culto numa remota paróquia, referiu que, quando aí fizera tanger o sino da igreja, deste saiu um enxame de marimbondos, antigos e respeitados locatários das silenciosas alturas... Tanto tempo havia que não se mexera em tais sinos! Dos de São João não se poderá dizer o mesmo. Soam a miúdo e talvez mais frequentes que de razão. Todo membro de qualquer irmandade, confraria ou ordem terceira tem, quando morre, inconcusso direito a dobres funéreos, que mais crebros se tornam se o defunto exerceu cargo ou dignidade. Ora, como, em geral, o são-joanense faz parte de diversas corporações religiosas, raro é o óbito que durante o dia inteiro não faça gemer o bronze de muitos campanários.

Com grande aparato se realizam os enterramentos. Já falamos do de uma criancinha. Os de adultos são de ordinário à noite. Plangente música segue o féretro carregado a mão. Precedem-no convidados empunhando tochas acesas. Pelas ruas sombrias passa majestoso o cortejo, encaminhando-se ao templo onde se canta a encomendação. Muito das nossas diferem tais usanças. O enterro no Rio é uma disparada de carros: em São João é uma cerimônia lúgubre e imponente.

A ideia da morte, aliás, muito se perde do seu horror, quando habitualmente encarada. Em alguns conventos há caveiras nos refeitórios – e por isso não consta que os monges percam o apetite. Os enterros aparatosos de São João somente impressionam os recém-chegados.

Demais os cemitérios – seis ou sete – estão encravados na cidade ou bem próximos dela. Cada um pode a qualquer hora visitar os seus mortos queridos, que aí estão pertinho. Honrados médicos clamam contra essa prática, mas é fato que não tem ela

produzido as calamidades a que costumam aludir os partidários da cremação. Junto do cemitério do Carmo há um colégio de meninos; outro não longe do cemitério das Mercês; defronte do de São Francisco, um colégio de meninas. Nem os brincos da infância perturbam o sono dos mortos, nem os miasmas dos mortos intoxicam a robusta menina.

Tais as notas mais características do elemento religioso em São João; e neles acentuadamente se reconhecem as do povo mineiro em geral. Neste, como no bretão francês, a ideia da religião está indissolúvelmente ligada à de pátria. A sua constituição política é, de todas as do Brasil, a única promulgada em nome de Deus Onipotente. Mais do que ninguém os habitantes de Minas parecem ter meditado no dizer do salmista: “*Nisi Dominus oedificaverit domum, in vanum laborant qui oedificant eam*” (“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem”). E Deus, efetivamente, olhou benigno para piedade tão sincera, mantendo em paz esses homens de boa vontade. Ora, São João Del Rei é uma das mais piedosas e, portanto, das mais pacíficas e felizes cidades mineiras.

A sua índole ordeira não teme confronto com a de qualquer outra população. Enchem-se de gente as ruas em dias de público regozijo, aglomeram-se quinhentas, seiscentas pessoas no Teatro Municipal, e, contudo, nem uma rixa, nem uma vozeria que por momentos sequer perturbe a ordem! E isso, note-se, em uma cidade a que se dão entre 10 e 15 mil habitantes, e onde não há um soldado.¹⁰

Ao digno delegado de polícia, Sr. Guadalupe, é lícito repetir o que aos reis de Portugal assegurava Sá de Miranda:

10 Posteriormente muito se modificou esse estado de coisas. Encheu-se a cidade de soldados de polícia e do Exército. Toques de corneta, brados d’arma, exercícios militares... São João entrou na regra.

“Com duas cannas diante,
Is amado e is temido”.

No entender dos transviados que infelizmente menosprezam a luz do Evangelho, espírito religioso é sinônimo de obscurantismo. A esse absurdo encarregam-se de responder os são-joanenses, que amam a instrução, frequentam as suas escolas e têm fornecido à história intelectual do nosso país crescido número de cidadãos notáveis em diversas províncias do saber humano. Não citamos nomes, porque aos dos mortos seria indispensável reunir os dos vivos, e com isso iríamos ofender modéstias, afigurando-se aos mal-intencionados que para as raias da lisonja descaia o elogio merecido.

Em geral todo brasileiro iguala ao árabe no que entende com a hospitalidade. Mas nem todos somos igualmente afáveis. O pernambucano, por exemplo, é mais retraído que o baiano. Em Minas a afabilidade é maior do que em São Paulo; e a qualquer outra localidade disputa São João essa amável qualidade que vai ao encontro do recém-vindo, suprime-lhe as hesitações, conforta-o na tepidez do seu afeto e logo o faz sentir que vive em terra de irmãos.

Diz-se que o mineiro é desconfiado. Sem dúvida que há certa prevenção contra as tendências escarninhas de alguns zombadores de mau gosto; mas, quando justificada não se torne a suspeita, ninguém há mais confiante do que o mineiro, e particularmente o são-joanense. Nas relações comerciais é impossível imaginar maior boa-fé. Com a dificuldade de trocos fazem-se as compras diárias quase todas fiadas, e pequenos mercadores, que mal vos conhecem, entregam-vos assim a melhor parte da fazenda.

Como todos temos o nosso defeito, pensamos que o principal dos são-joanenses está no amor do descanso talvez levado à exageração. Assim é que com surpresa vimos fechadas as lojas até 6h30,

7 da manhã, em dia de verão, quando o sol nasce pouco depois das 5. Nem acertaria quem a precedentes noites atribuísse tanto descansar pela manhã adentro, pois que quando são 10 da noite já São João está dormindo a sono solto.

Igualmente deve ser apontada com censura uma roleta onde se joga forte, e onde se perde em uma noite o que com trabalho não se poderá reconquistar em muitos anos. Mas neste ponto sentimo-nos fracos para o vitupério, não porque sejamos inclinados ao jogo, que abominamos, mas por sermos filhos de uma capital onde a loteria, as tavalagens suntuosas, as espeluncas perseguidas, as pules das corridas hípicas, dos frontões e dos *bellodromos*, enfim todas as espécies possíveis de jogatina têm feito do nosso belo Rio a grande Mônaco americana. Somos imitados... em ponto pequeno.

Quanto à política – outra e não menos perigosa jogatina –, nada nos permitiremos expor. Sílvio Pellico, escrevendo suas memórias, compara-se a um mancebo que, maltratado por severa dama, dela não quer mais se aproximar. Melhor nos parece assemelhar a política a ferocíssima sogra... Deixá-la em paz! Tão somente pedimos vênica para registrar uma singularidade: a denominação dos partidos militantes, ambos corretamente republicanos. Dos *limpos* chama-se um, e o outro dos *sujos*.

A gênese nesses nomes perde-se não na noite dos tempos, mas na escuridão de uma projetada obra de esgotos. Um grupo a queria, o dos *limpos*; e na bandeira dos *sujos* havia o lema “Tudo na praia”! Foram esses os vencedores. A cidade não tem esgotos; mas tem política... E, se essa compensação lhe não bastar, console-se ao menos São João ponderando que não é a única terra com partidos excentricamente rotulados. Lembre-se da Inglaterra com seus *tories* e *whigs*.¹¹

11 O vocábulo *tories*, com que se denominam os conservadores ingleses, foi no começo um termo injurioso aplicado aos irlandeses que em meados do

Além dos passeios, das partidas mensais do clube e de algumas representações dramáticas e acrobáticas dadas por companhias em trânsito e anunciadas com estampidos de bombas, que sobresaltam os fluminenses recém-chegados, não há em São João outras diversões. O instinto de sociabilidade fixou como ponto diário de reunião a estação da Oeste para esperar o trem do Sítio, que chega às 7 horas com as notícias, cartas e jornais do Rio. Não há jardim público; nem nos consta a existência de um divertimento acessível a todas as classes populares, excetuadas as romarias em certas festas religiosas. O são-joanense vive muito em família e, assim, frequentemente se encontram fechadas as casas particulares. Acredita-se que estão desertas, mas é que os moradores se isolam.

De noite, a cidade é soturna, por muito mal-iluminada. Quando a folhinha marca lua, a municipalidade manda que não se acendam os lampiões, de sorte que, sobrevivendo espessas nuvens, ficam as ruas alumiadas apenas por essa lua oficial, isto é, completamente às escuras. Quem, no viver das grandes capitais, tiver contraído hábitos de noctambulismo em tão densas trevas correrá sérios riscos, podendo passar por mal procedido ou, pior ainda, quebrar o nariz de encontro ao monstruoso calçamento.

Entretanto, de dia, tem a cidade aspecto assaz jovial. Contribui para isso a atividade do comércio. Veículos puxados por cavalos ou muares são em reduzido número; mas a cada passo se encontram carros de boi, tirados por muitas juntas, perfazendo até 24 desses vagarosos animais. Todo esse gado – um rebanho diante de mesquinha carroça – não é demais para vingar as íngremes ladeiras. E,

século XVII se revoltaram contra o Longo Parlamento. Como etimologia provável aponta-se a palavra irlandesa *toree* (dá-me!), empregada pelos bandidos quando saltavam viajantes.

Whigs, nome dos liberais, diz-se que procede da interjeição *whiggam*, com que os escoceses estimulavam cavalos e muares. Por derrisão e desprezo assim começaram a ser chamados os rebeldes da Escócia, no tempo de James ou Jacques II.

com o guincho monótono produzido pelo atrito do eixo, lá se vão bois e carreta, a caminho das montanhas pedregosas.

Perguntamos a um dos carreiros por que não punha sebo ao eixo, impedindo-lhe o chio; ao que ele nos contestou imediatamente:

– Não, senhor... Eu até ponho carvão para ele guinchar mais... Isto *adiverte* os animais e consola a gente.

E não deixou de ter razão; é uma nota aguda e talvez necessária na sinfonia campesina.

A salubridade de São João Del Rei está fora de toda dúvida; mas antes resulta das condições climatológicas que do esforço do homem. O Sr. Dr. Carvalho Almeida, a cujo relatório sobre a várzea do Marçal mais de uma vez nos referimos, não trepida em afirmar que na cidade há “completa ausência dos preceitos mais elementares da higiene”, sobressaindo na postergação de tais preceitos o arrojo das fezes, por condutos imperfeitíssimos, ao ribeirão que descoberto atravessa a cidade. “E no entanto”, acrescenta logo, “São João Del Rei é eminentemente salubre; seu clima, como o de Barbacena, é procurado pelos que durante o verão aí se refugiam contra o calor e as epidemias que assolam as regiões de serra abaixo; ou à suavidade de seu ambiente e uso das Águas Santas, reputadas medicinais, pedem o restabelecimento da saúde comprometida e a restauração das forças depauperadas por outros climas.”

Quanto aos recursos para a vida, em abundância os possuem os são-joanenses, posto que em grande parte desaproveitados.

A água encanada para os prédios, sem que seja de má qualidade, desprende bolhinhas gasosas e frequentemente se turva. Existem, não obstante, fontes limpidíssimas, entre as quais nos ocorre a do *Padre Faustino*, sempre clara e saudável.

Contra o que fora de esperar, a carne verde de vaca é inferior à do Rio de Janeiro; mas, em compensação, o leite não tem rival

e até parece líquido muito outro do que no Rio se impinge com esse nome. Pena é que, com tão boa matéria-prima, estacionária se ache a indústria dos queijos e incipiente o fabrico da manteiga.

No que se refere à construção, excelentes materiais fornecem as pedreiras e matas vizinhas. Carandaí tem gnaiss; no morro do Candonga há o silicato magnésiano azulado que vimos trabalhado na fachada de alguns templos; até mármore se encontra nas abas da Serra do Lenheiro. E 64 espécimes de madeiras colecionou a comissão de estudos para a escolha da capital.

Em semelhantes condições, qual será o porvir de São João, efetuada a trasladação da capital de Minas para a várzea do Marçal?¹²

São João ficará sendo um subúrbio do novo centro. Como os pais que, chegados a honrada velhice, podem sem vexame, e antes com orgulho, rever se, na fortaleza e no brio dos filhos que os excedem, a velha cidade mineira assistirá com bons olhos ao levantamento da que seria sua êmula, se não fora prole sua.

Na várzea criar-se-ão palácios e fábricas, suntuosos edifícios que bem alto proclamem a riqueza do estado aurífero e diamantino... Mas, quando em meio da opulência surgir um pensamento de gratidão para com o passado, da planície volver-se-ão os olhos para o ângulo onde entre colinas pela vez primeira pararam os bandeirantes, e das entranhas de pedra fizeram brotar não tanto o metal que desejavam como a civilização que consorciou esses homens errantes e que tanto aproveitou a outras gerações.

Mas aonde vamos com essas previsões? Quem pode hoje falar do dia de amanhã? Aproveitemos o presente, segundo o discreto conselho do vate venusino: *Carpe diem...*

¹² Sonho desfeito, como já dissemos. Cural d'El-Rey ganhou a palma. A um ilustrado engenheiro que trabalha na construção da futura capital, o Sr. Dr. Hermillo Alves, ouvimos que por lá realmente grassa o bócio ou papeira... Ficou decidido que a cidade será homônima do estado: há de chamar-se Minas. Com pontinha de malícia lhe poderiam chamar *Bociópolis*.

Enquanto não se edificar a futura capital, de que São João será futuro subúrbio, a esta compete o diadema, que cinge como rainha do Oeste.

Salve, pois, hospitaleira soberana! Quando de ti nos afastarem os vendavais da sorte, saudoso contemplaremos as tuas colinas, os teus campanários, e, perdidos que para nós sejam, e talvez para sempre, contigo ficará uma parte do nosso coração, submisso pela gratidão e retido pela saudade.

SÃO JOSÉ DEL REI



Há cidades gêmeas. Buda à margem direita, Peste à esquerda do Danúbio oferecem claro exemplo dessa geminação. Separadas até 1873, acabaram por confundir-se administrativamente, e de forma que hoje com um só vocábulo aglutinado são nomeadas pelos geógrafos. Liverpool e Birkenhead, cada qual do seu lado do Mersey, deparam outro espécime do fato a que nos referimos. Constantinopla e Shkodêr formariam o terceiro, se mister houvesse de insistir. De uma cidade gêmea não se fala sem que ao seu nome imediatamente se associe o de sua irmã. Uma prolonga, desenvolve e explica a outra. Assim acontece com São João Del Rei e com Tiradentes, ou São José Del Rei, antiga denominação, que, não sendo a oficial, é contudo a mais usada.

Por isso, tendo longamente abusado da paciência dos leitores com as impressões que nos ficaram de alguns dias de estada em São João, talvez que com igual tolerância nos sejam permitidas poucas palavras a respeito de sua gêmea São José.

Estamos na plataforma da estrada de ferro do Oeste de Minas, em São João Del Rei. São 6h30 da manhã. O trem que vai até o Sítio aguardar o expresso para o Rio deve sair às 6h40. Na extensa varanda asfaltada cruzam-se apressados os viajantes e carregadores de malas. Há um padre que vai para Mariana, sede episcopal do sul de Minas; alguns policiais que regressam a Juiz de Fora depois

de haver soltado nas ruas de São João um pobre louco, processo curioso e expedito que nas cidades que o adotarem dispensará a necessidade de asilos psiquiátricos; mostram-se, finalmente, muitas fisionomias onde à lhaneza habitual do lavrador mineiro finamente se alia a sagacidade que lhe é peculiar.

Metamo-nos também nessa turba e ocupemos um dos poucos bancos que ficaram vagos; vamos a São José Del Rei.

Até lá a excursão não pode levar mais de vinte a trinta minutos de viagem, se tanto. As duas irmãs moram perto uma da outra. Higiénico passeio em cavalo de boa andadura; apenas um arranco para o hipogrifo de músculos de aço.

Partimos. Pouco tarda que à direita se nos antolhem as caieiras que ficam nas divisas dos municípios de São José e São João. A célebre gruta conhecida pelo nome de Casa de Pedra é, naquele município, a obra da natureza nos terrenos calcários de uma colina. De vez em quando exhibe-se, como enorme serpente fulva a colear por sobre o tapete verde da campina, o Rio das Mortes, já bastante largo e caudaloso ainda mesmo em quadra seca. Mais uns minutos – e eis-me na estação de Tiradentes.

É de mesquinha aparência o edifício onde nos apeamos. A cidade fica a cerca de quilômetro e meio. Do ponto onde nos achamos, avista-se grande igreja: é a matriz. Suas torres nos vão guiar na procura do escondido núcleo de população, outrora um dos mais importantes de Minas.

Deliciosa frescura ameniza o ambiente. A perfeita solidão em que logo nos sentimos redobra o encanto da agreste paisagem. Ao fundo a serra mal vestida de vegetação e deixando ver, através dos rasgões do manto verde, a ossatura ciclópica onde há veios de ouro. Sobre a serra e sobre a várzea o vasto dossel de azul-turquesa, aqui e ali interrompido por cirros leves e fugitivos quais plumas adejantes.



Caminhávamos vagarosos, com o passo descuidado, antes de *flaneur* que de viajante, quando, súbito, recebemos da natureza salutar aviso: tínhamos acordado às 5 horas e já eram mais de 7h30 sem que ao menos tivéssemos tomado a habitual canequinha de café... Assim formamos logo tenção de ser uma de nossas primeiras visitas ao hotel da localidade.

Entramos em São José por uma grande praça. Altas ervas ali crescem folgadoamente sem receio dos capineiros municipais. Entre os edifícios pequena igreja – Bom Jesus dos Pobres, segundo nos informaram. No centro do largo, coluna em honra do Tiradentes.

Na ordem dos monumentos este figura muito, muitíssimo abaixo da coluna trajana, da Antonina e da Vendôme... É de pedra plástica na terra da pedra verdadeira. As pedreiras circunjacentes abundam de excelentes materiais para obras artísticas. Mármore brancos e de veias azuladas facilmente se deparam nas montanhas. Nessas condições a pedra artificial parece-nos infelicíssima ideia.

A coluna, de ordem compósita, assenta sobre pedestal da mesma matéria, e este, sobre três ou quatro degraus cimentados. Em cima da coluna uma urna funerária. Ladeiam o pedestal quatro pilastrinhas unidas por correntes, e em uma de suas faces lê-se breve inscrição, em latim gentilmente fornecido pelo Sr. Dr. Castro Lopes. Diz assim:

*Joachino Josepho A Silva Xavier – Brasiliae Libertatis –
Protomartyri – Illius Civitatis Incolae – Hoc Monumentum
– Sumptu Publico – Erigendum – Curaverunt – Die Vigesimo
Primo Aprilis – A.D. MDCCCXCII – Flos Libertatis Tandem De
– Sanguine Gemmat.*

O que em dialeto fluminense mais ou menos quer dizer:

A Joaquim José da Silva Xavier, protomártir da liberdade brasileira, os habitantes *daquela* cidade erigiram, à custa do Estado, este monumento em 21 de abril de 1892. Finalmente brota do sangue a flor da liberdade.

Relativamente ao latim só faremos, com a devida vênia, umas observações, aliás sem peso, porque vêm de quase leigo na matéria. Queremos falar do *illius*. Aprendemos, com o mesmo Sr. Dr. Castro Lopes e outros mestres, que o *ille, illa, illud*, correspondendo em português ao demonstrativo “aquele, aquela, aquilo”, envolve referência a pessoas ou coisas distantes. Ora, estando o monumento na praça principal da cidade, e portanto dentro desta, não compreendemos o emprego do demonstrativo que indica maior distância.

Além disso, não devia ser *Joachino*, mas *Joachimo*, conservado o *m* segundo latim litúrgico... Erros de cópia, talvez, mas que ali ficarão eternizados, ou, se não tanto, ameaçando ter a duração da pedra plástica.

Na contemplação desta memória mais se nos aguçou o apetite, e, laboriosamente subindo a ladeira que nos foi indigitada por um pequerrucho, único vivente que divisamos no largo, devagar nos fomos aproximando do estabelecimento do Sr. Silvestre, proprietário do hotel da cidade.

Enquanto caminhávamos, notamos que todas as portas estavam fechadas e as ruas desertas. Nem mesmo sabíamos o nome da rua por onde estávamos subindo. Há pintados em todas as esquinas grandes retângulos negros, onde com giz se escrevem as denominações *ruaes*. (Creio que se pode usar do termo, uma vez que já tem carta de cidade o *estadual* e o *districtalt...*) Mas o giz dos

leiteiros *ruaes* apaga-se com as intempéries do tempo: *non aere perennius*. Em todo o caso extremamente engenhosa se nos afigurou a lembrança, e sobremodo aplicável às cidades em que amiúde se mudam os nomes das ruas. Três vezes que o façam e nada se gastará com placas!

Alagados em suor, eis-nos finalmente à porta do Sr. Silvestre: – mas – decepção suprema! – acha-se também fechada como as das outras casas. São 8 horas... Batemos. Depois de alguma hesitação abre-nos a porta um rapazinho, e logo em seguida vem receber-nos respeitável senhora.

– A que horas se almoça na sua casa? – perguntamos com a timidez de quem receava cometer inconveniência.

– Às 9 horas.

– E antes disso não seria possível um cafezinho?

– Pois não! Queira sentar-se.

Sempre embirramos com esperar sentado. É a atitude do réu aguardando a sentença. Como Sócrates que passeou enquanto a cicuta não lhe produzia os tristes efeitos, pusemo-nos a andar suspirando pelo café. No aposento que dessarte medíamos com passos tardos e lentos, quais os do cantor de Laura

Solo e penoso i piu deserti campi.

Vo misurando a passi tardi e lenti

na sala do hotel, dizíamos, parou o nosso olhar amortecido sobre lindo quadro fotográfico, representando a comitiva de um noivado e logo, entre os semblantes conhecidos, dois se nos apresentaram: o do Sr. Padre Correia de Almeida, de Barbacena, que se nos afigurou ter engatilhado um soneto sarcástico, a debicar a nossa situação; e o do Sr. Comendador Gomes Brandão, vestido de ponto em branco e que naturalmente era um dos padrinhos da boda.



Por singular fenômeno intelectual pareceu-nos que esses dois retratados entabulavam conosco animada conversa...

– O café não vem – murmurava sardônico o reverendo sonetista.

– Melhor é subir e ir ver a matriz. É bonita como a Candelária – aconselhava por seu turno o ilustre comendador.

Obedecemos e, tomando disfarçadamente o chapéu, pusemo-nos a caminho da matriz, que não podia estar longe.

No trajeto encontramos raros transeuntes e, chegando em frente ao grandioso templo, reconhecemos que por felicidade estavam abertas as portas da casa de Deus.

Entramos para saudá-Lo – para saudá-Lo como a criatura o deve fazer ao seu Criador, de joelho em terra e com a fronte prosternada ante o Deus martirizado, que da penumbra do santuário nos estende os braços chagados e misericordiosos.

É uma bela igreja a matriz – e com muda eloquência reconta ao viajor a história da antiga prosperidade de São José Del Rei.

Em 1711 tinha esta localidade a denominação de Arraial Velho de Santo Antônio do Rio das Mortes. Datam de 19 de janeiro de 1718 a elevação do povoado a vila e a criação de seu município, sendo então governador o Conde de Assumar. A freguesia da cidade foi criada em 16 de fevereiro de 1724.

Os terrenos, descobertos por João Afonso de Serqueira, bem depressa foram reconhecidos como auríferos. Em dez anos, que tantos vão da descoberta ao termo da junta do governo que criou o município, o povoado medrou extraordinariamente, graças ao atrativo que sobre a imaginação dos povos sempre exerceu o vil metal. Nessa época São José era a cabeça de todas as suas cercanias, e São João Del Rei, então Arraial do Rio das Mortes, prestava obediência à vizinha, tendo a sua primeira igreja como simples



capela filial da paróquia de Santo Antônio, que depois foi a matriz da vila de São José.

Exaustas as betas auríferas, São José entrou a decair, e tanto que pelo art. 1º da lei provincial nº 360, de 1848, chegou a ser suprimido o município, aliás pouco depois restaurado por outra lei provincial (nº 451, de 1849). Em 7 de outubro de 1860 (lei nº 1.092) assumiu São José a categoria de cidade, que conserva.

As amplas dimensões do templo dão a medida do número de fiéis que era destinado a conter. Diz-se que outrora aí foram celebrados ofícios a que concorreram cinquenta sacerdotes.

Na fachada não se nos ostentaram os primores esculturais que tivemos ocasião de admirar no Carmo e em São Francisco, de São João Del Rei; porém a ornamentação interna luta em riqueza com a dos primeiros templos do Brasil. Toda a formosa obra de talha manteve a douradura de 1739, que foi quando se concluiu a obra da igreja – e diz-se que só nos dourados se gastaram então 28 contos de réis, quantia enormíssima, considerados os tempos.

O órgão, posto à esquerda e separado do coro ou tribuna da música, é belíssimo, e talvez o primeiro de Minas.

Na capela-mor há duas pinturas laterais dignas de nota: uma representando as bodas de Caná e a outra, a última Ceia do Senhor.

Em prataria – tocheiros, lâmpadas, castiçais e relicários – existirão 48 arrobas de metal precioso.

Nem eram estas as únicas riquezas do célebre templo. Em outros objetos só a arte, e não juntamente com a matéria, fazia o enlevo do observador. Havia na igreja uma soberba coleção de móveis, do gosto da época, magnificamente lavrados. Foram vendidos e dispersos, e por aí além se acham em mãos que talvez nem lhes conheçam a valia!

Alguém que varria a igreja, homem de cor preta mas que na delicadeza do trato pede meças aos alvos espécimes do

gênero humano, ofereceu-se-nos para mostrar-nos a Capela do Santíssimo e os Passos do Senhor. Estes são sete imagens, figurando o nosso Divino Salvador nos transe da Paixão; mas forçoso é convir que muito aquém da magnitude do assunto ficou o estatuário. Como escultura a sua obra não transcende o mais vulgar do gênero.*

Estava ausente, em serviço de cura d'almas, o zeloso pároco Joaquim Parreira – e, portanto, não nos foi lícito levar adiante a curiosidade.

Sabíamos, porque no-lo haviam contado desde muito, que em São José a irmandade estava suspensa pela autoridade episcopal, por ter insistido em não admitir em seu grêmio homens de cor, o que reduzira ao insignificante número de quatro os membros da corporação, únicos e inamovíveis administradores... Muito nos sorria aprender qualquer particularidade sobre esses apuros de raça, no fim do século décimo nono, e em matéria religiosa, quando a nossa Igreja nunca hesitou em colocar sobre os altares heróis cristãos de todas as raças e procedências... Mas entendemos que sobre o assunto não convinha interpelar o Sr. Antônio Joaquim – tal o nome do afável *cicerone*.

O certo é que – sem de forma alguma adiantarmos insinuações malévolas –, o certo é que, não tendo feito parte das administrações transatas nenhum cristão de cor duvidosa, durante algumas delas, puramente caucásicas, se praticaram os desvios dos objetos d'arte a que aludimos. Sirva isto de consolo aos homens pretos ou pardos tão pertinazmente excluídos pelos seus irmãos brancos!

Em frente da igreja jazem nas suas sepulturas vários personagens da localidade. Sobre a lápide de uma dessas campas lemos este epitáfio:

“Depósito de – J.A.C. – a 27 de outubro de 1836.”



Não é singular isso de epitáfio com meras iniciais? Para que servem esses letreiros senão para recomendar à posteridade o nome de quem aí descansa? Iniciais e de estilo, e até de bom gosto, nos artigos políticos ou literários, onde toda a gente, através da modéstia do autor, facilmente descobre quem, como a Galateia do poeta latino, depois de atirar o pomo ao namorado, só se oculta entre os salgueiros para melhor ser descoberto – *et cupil se ante videri*. Nessas condições as iniciais têm sua utilidade; mas em epitáfio! Quem mais se lembra de um enterrado em 1836?

Isto pensávamos, quando do engano nos tirou o honrado Sr. Antônio Joaquim.

– Esse que aí está – ensinou-nos ele – é o Sr. Joaquim Antônio dos Campos, que foi homem muito influente e poderoso. Quando morreu atacaram-se foguetes em Oliveira...

– Foguetes? Era então costume prantear por esse modo o pas-samento dos beneméritos?

– Não, senhor; foi em sinal de regozijo... O defunto Campos, enquanto vivo, sempre se opôs a que Oliveira fosse elevada a vila. E era malfeito, não acha o senhor?

– Não, meu caro amigo... Muitas vezes o que parece egoísmo não passa de excessiva dedicação. Campos impugnando a separação de Oliveira faz lembrar Pitt arrancando-se do leito para protestar, moribundo, contra o reconhecimento da independência americana. Em um como no outro caso havia o amor do torrão natal a justificar aberrações da justiça.

Antônio Joaquim nada objetou; e já lhe estávamos fazendo a injúria de supor que não nos compreendera quando com singela ponderação se nos revelou pensador melancólico.

– O senhor anda passeando – disse – e este lugar não é divertido. A cidade está quase deserta. Cresce capim nas ruas e há muitas casas onde não mora ninguém.

E, com um suspiro:

– São José já foi grande e poderosa: hoje está velha e cansada. É mãe de família que criou muitas filhas: São João, Oliveira e outras... As filhas agora é que estão florendo, e a pobre velha vai vivendo aqui no seu canto...

Não se poderia melhormente exprimir a honrosa decadência da velha cidade!

Além da matriz há em São José mais sete igrejas: Bom Jesus da Pobreza, no largo de que já falamos; São Francisco de Paula, no alto de uma colina; Rosário; Trindade; Nossa Senhora das Mercês; Santo Antônio; e São João Evangelista.

Já se vê que nesta, como nas demais cidades mineiras, o espírito religioso não recuou diante de sacrifícios para erguer ao nosso Deus lugares de adoração – infelizmente hoje quase desertos pela escassez de povo.

Não nos propusemos visitar todas essas igrejas, onde nos informaram nada haver de artisticamente notável, e, portanto, tomamos o caminho do prédio onde outrora residiu o célebre Tiradentes.

Mora atualmente nessa casa o Sr. Juiz de Direito Dr. Edmundo Lins, um dos espíritos mais ilustrados e dos corações mais generosos que nos prezamos a conhecer.

O edifício, grande, vastíssimo e solidamente construído, é talvez a melhor das casas particulares de São José. Tem paredes grossas como de fortaleza. As vidraças, enormes, estão repartidas em numerosos caixilhos com vidros pequeninos. Nos tetos de madeira há pinturas mitológicas e de frutas do país. Tudo foi conservado com admirável gosto, não muito comum em nossa terra, tão afeiçoada a detestar a nota tradicional.



As dimensões desse edifício mostram bem que não deveria ser desajudado da fortuna o alferes Silva Xavier. Em nosso precedente escrito sobre São João Del Rei tivemos ocasião de tratar da fazenda do Pombal, onde nasceu o famoso Inconfidente. Demora essa propriedade junto à margem do Rio das Mortes, na divisa atual dos dois municípios de São José e São João. Hoje é uma *tapera*, mas em outro tempo teve capela e boa casa de vivenda. Já se vê que mais do que remediada, ou antes abastada, era a família de Tiradentes. De um documento judiciário, recentemente descoberto, segundo pensamos, pelo Sr. Dr. Sampaio Ferraz, ressalta a verdade do que ponderamos. Tiradentes foi homem de folgados haveres.

Com requintes dessa amabilidade que vem do coração, o Sr. Dr. Edmundo ofereceu-nos, além do suspirado café, excelente almoço, findo o qual não se dedignou de fazer-nos as honras da terra.

Juntos, e já reunidos a outro excursionista, que nos certames literários está ganhando as suas esporas de ouro, entramos na Câmara Municipal, casarão com varanda à frente, edificado ou reconstruído em 1824.

Na primeira sala há um retrato do falecido imperador, tirado em 1840, isto é, quando o chefe da nação, declarado maior, contava 15 anos de idade. Em próximo compartimento figura outro quadro representando a Justiça, com a espada em punho, mas sem os olhos vendados. Tem a data de 1824. Parece que depois é que lhe puseram a venda.

Nessa mesma ala mostraram-nos uma comprida vara, longa e pesada como o pau da lança de guerreiro medieval. Era a insígnia dos camaristas. Escapou, única de muitas, a vara em questão. As demais foram utilizadas para espetar lanternas em dias de folguedo popular. O símbolo da autoridade transmutado em instrumento de folias! *Tout passe, tout casse...*



Mostrava-se também, não há muito tempo, na Câmara Municipal de São José, o leito de gala em que pernitoou Pedro I, quando viajou por Minas pouco antes dos sucessos de 1831. Era móvel muito para ver-se, e que ao valor artístico reunia o histórico. Entretanto venderam-no por 200 mil-réis – prova da pequena cotação que entre nós atingem as coisas da arte e as tradições históricas.

Em terceira sala está o costumado aparelho das sessões do júri: a cadeira do senhor presidente, a mesa dos senhores juizes de fato, as bancadas dos espectadores.

O foro em São José acompanha as outras manifestações da vida social. O ilustrado juiz de direito, com o digno juiz substituto Dr. Wladimir da Mata, tem abundantes lazeres para os seus estudos jurídicos, se é que ainda precisam estudar os que já podem ser chamados mestres.

Parte desses lazeres eles empregam nobremente lecionando grátis preparatórios a meninos pobres da cidade, onde a instrução só é representada por quatro escolas primárias. O Sr. Dr. Wladimir tem levado mais adiante o espírito humanitário, indo até ensinar primeiras letras aos presos da cadeia pública. Fatos como esses não devem ficar desconhecidos, em que pesem os que ocultamente os praticam.*

Para regularizar a sua obra de caridade pretendem os dois magistrados abrir uma escola de ensino secundário, gratuito, onde as mais importantes matérias sejam lecionadas à juventude. Para isso apenas solicitam da municipalidade minguido subsídio, de poucas centenas de mil-réis anuais, com que possam alugar casa e retribuir um encarregado de mantê-la aseada. Assim consigam realizar o seu intento!

Quanto deve custar a casa depende-se do fato de se alugarem grandes sobrados por 15 mil-réis mensais. Mais não paga o senhor



doutor juiz substituto por imenso prédio onde mora, junto à praça principal.

A vida em São José Del Rei é baratíssima, mesmo porque não há em que gastar. A excelência do clima torna frequente a longevidade; não há médicos nem, portanto, enfermidades.

Teatro ali, só uma vez por século; corridas de cavalos nunca houve; nem tampouco lojas de modas, nem botequins, nem frentões, nem *bellodromos*, nem frutos de civilizações muito adiantadas... Ali, por força, ou se há de dormir todo o dia, ou meditar estudando.

O finado Dom Pedro Maria de Lacerda, de saudosa memória, penúltimo bispo da diocese fluminense, ficou extasiado ante o silêncio de São José Del Rei. Realmente não poderá encontrar melhor retiro quem esteja enfadado dos homens e pretenda entrar em místico solilóquio ou na lição dos livros. Morasse ali Arquimedes e não teria sido acutilado em meio dos seus problemas. Aviso aos que habitam cidades ruidosas e desassossegadas.

Da Câmara Municipal trasladamo-nos à casa de virtuoso e bem-conhecido sacerdote, o Sr. Padre João Caldeira, que em outro tempo exerceu com lustre o magistério. Daquele semideserto fez o venerando ancião a sua Tebaida, e lá vive tranquilo, celebrando missa no seu oratório, onde nos mostrou belíssimo grupo da Virgem amparando o corpo exânime do Divino Filho – obra de artista estrangeiro e redução do que em dimensões superiores às naturais existe no colégio do Caraça.

Não se limitou o excelente padre a entreter-nos com a sua palavra discreta, amena, instrutiva; e, para atenuar os efeitos da calma, foi buscar uma garrafa de vinho velho, que ele próprio fabricara. Era magnífico líquido que em nada ficava abaixo dos melhores vinhos húngaros por alto vendidos no Rio de Janeiro.

O terreno do município presta-se admiravelmente à cultura da vinha bem como à de outros vegetais. Em tempos não mui remotos já se cultivou o linho, que saiu de ótima qualidade e chegou a ser proveitosamente fiado e tecido. Não menor resultado se colheu do plantio do algodoeiro, e, segundo informação fidedigna que tivemos ensejo de compulsar, existiam no município, em 1864, cerca de trinta teares em que anualmente se teciam 30 mil varas de pano. Na mesma fonte aprendemos que os outros gêneros da indústria principalmente consistiam em olarias e caieiras.

São José, terra do ouro, não tem sido improdutiva no tocante à inteligência e ao saber, que ainda mais valem. Para não acumular nomes dignos de acatamento, apenas citaremos dois naturais de São José que representam celebridades de primeira plana, um nas ciências e outro nas letras. Foi esse José Basílio da Gama, sobre cuja memória pesa o haver privado com o nefário Marquês de Pombal e celebrado algumas prepotências do déspota; mas a quem por certo não se pode contestar poderoso engenho poético, abundantemente revelado no poema *Uraguai*, que com razão é considerado precioso monumento da literatura vernácula. E no domínio científico não há quem não tenha ouvido falar do Frei José Mariano da Conceição Velloso, naturalista de elevado mérito, autor da *Flora Fluminensis* e em honra do qual foi criado o gênero *Velosia*, da família das Hoemodoraceas, ao qual pertence a espécie conhecida em Minas por canela-de-ema, segundo nos ensinou o Sr. Aureliano Pimentel, que não é somente geólogo mas acurado cultor da ciência de Lineu.

Tínhamos, porém, ficado a saborear o falerno do reverendo Padre Caldeira. Despeçamo-nos do simpático ancião e vamos... vamos ver o chafariz.

Em São José, diz um anexim local, em São José, matriz, chafariz e Carlos de Assis.



Mui grande deveria ter sido a notoriedade desse cidadão, já falecido, para ser apontado pela sabedoria dos povos como uma das três grandes maravilhas do lugar; porém, já indicado entre nós o sombrio gólfão que absolutamente não temos pressa de transpor, forçoso nos foi dispensar o terceiro ramo da trilogia e demandar o segundo.

O chafariz tem a data de 1749. Há perto de século e meio que de três carrancas boquiabertas ali correm jatos de água cristalina, que vão encher uma bacia colocada sobre pátio quadrangular de pedra.

Simula essa construção uma igrejinha com a sua cruz. Em nicho aberto no frontispício existia antigamente a imagem de São José, resguardada por uma vidraça. O resplendor que aureolava a frente do santo tentou a cobiça de alguns ladrões, que aliás pouco lucraram porque não era de prata. Hoje não mais existe a imagem, e o nicho vazio está velado por uma cortina.

Do lado esquerdo de quem olha para o chafariz está um bebedouro de animais; e ao direito, um tanque e coradouro para o serviço de lavanderia. Em 1749 curava-se disso. No Rio ainda não há lavanderia pública, e em certos arrabaldes servem de coradouro os lajedos do passeio...

Realizada a trilogia do rifão, tanto quanto no-lo permitiam as circunstâncias, indagamos da hora em que devia passar o trem misto para São João. Cerca de 3h30, disseram-nos. Resistindo às tentações de cordialíssimo convite para jantar, fomos aguardar a hora em amistoso colóquio com o Sr. Dr. Wladimir, no palacete e na chácara, que, como dissemos, lhe são alugados por 15 mil-réis, a quarta parte do preço de qualquer cochicholo no Rio de Janeiro.

Aí soubemos que a depreciação de propriedades urbanas, aliás muito arejadas, vastas e bem-construídas, chegara ao ponto de se

comprarem casas por quantias ínfimas, unicamente para serem demolidas e utilizados os materiais na construção de outros prédios da vizinha cidade de São João. Uma postura municipal, com todo o acerto, pôs termo a essa destruição sistemática.

Esse crime – que o nosso Antônio Joaquim não duvidaria capitular como matricídio – não pôde assim continuar a sua devastação.

E ainda bem, porquanto quem ousará contestá-lo? São José, cidade adormecida em um desses letargos que para os povos duram às vezes largos anos, ainda poderá erguer-se e reclamar no convívio da atividade mineira o lugar de honra que lhe compete pela sua ancianidade e pretérita grandeza.

Tais, pelo menos, os desejos e votos do último dos viajantes que a contemplou respeitoso!







© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L158e

Laet, Carlos de, 1847-1927

Em Minas / Carlos de Laet. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 106 p.; 21 cm.
– (Coleção biblioteca básica brasileira; 20).

ISBN 978-85-635-7433-6

1. Laet, Carlos de, 1847-1927 – Viagens – Minas Gerais. 2. Minas Gerais – Descrições e viagens.
I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-918.151

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento:





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica

